



*Donna
Vozes que
ecoam!*

ORGANIZAÇÃO:
HELOISA GRACINDO
MARY PINHEIRO
MÔNICA ANJOS



ESTA OBRA FOI CONSTRUÍDA A VÁRIAS MÃOS, TRAZENDO EM SEUS TEXTOS A EXPRESSÃO DA VOZ FEMININA NOS MAIS DIVERSOS ASPECTOS. NELA CADA HISTÓRIA SE CONFUNDE E SE COMPLETA COM A ANTERIOR, POIS É O GRITO DE TODAS AS “DONNAS” QUE LUTAM E SANGRAM PARA SEREM CADA VEZ MAIS E REALMENTE DONAS DE SI E DO SEU DESTINO.

DESEJAMOS SINCERAMENTE, QUE A LEITURA DA MESMA, CONTRIBUA DE ALGUMA FORMA PARA UMA REFLEXÃO MADURA SOBRE OS TEMAS PRESENTES NOS TEXTOS, SENDO UM CANAL DE POSSIBILIDADES PARA MUDANÇA DE ATITUDES NUM MUNDO QUE É CADA VEZ MAIS PLURAL E NO QUAL TODOS PODEM E DEVEM TER A VOZ ECOADA CADA VEZ MAIS ALTO.

QUE AS VOZES ECOEM UNÍSSONAS EM BUSCA DE IGUALDADE, RESPEITO E DIGNIDADE. E QUE ENCONTREM NA SOCIEDADE, ESPAÇO PARA FAZER FLORESCER O AMOR, A JUSTIÇA E A PAZ.

UMA EXCELENTE LEITURA.



Heloisa Gracindo
Mary Pinheiro
Mônica Anjos

Organizadoras

Donna:
vozes que ecoam

1ª Edição

IRDE Editora
Lagoa da Canoa – AL
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I Donna: vozes que ecoam / Organizadores. Heloisa Gracindo; Mary Pinheiro; Mônica Anjos. – 1. ed. – Lagoa da Canoa, AL: IRDE Editora, 2022.
E-book, no formato PDF, convertido do livro impresso.

Vários autores
ISBN 978-65-995516-8-0

1. Literatura Brasileira

I. Gracindo, Heloisa. II. Pinheiro, Mary.
III. Anjos, Mônica



*Dedicamos esta obra a todo o universo
feminino como forma de repúdio a
qualquer tipo de violência!*

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
NOSSOS TEXTOS.....	9
Afonso Kudissalida (Sonibuna) — Uma entrevista - excerto.....	11
Aline dos Santos — Agatha	16
Auta Tânia do Nascimento Lima — Aquela mulher.....	21
Bianka Soriano — Mulher oprimida.....	22
Bruno Marquês Areno (Bima Sumahir) — Dorme, filho, dorme.....	25
Carlos Augusto Furtado Moreira — As mulheres.....	29
Cassiano Ricardo Martines Bovo — Alana, Suzi e a polícia.....	32
Elaene Suzete de Oliveira Pereira (Preta) — Blasfêmias.....	40
Elaine dos Santos — O conhecimento como libertação.....	44
Estélia Meg — Guida.....	46
Fátima Soriano — Doces lembranças.....	52
Giuliana Fletcher — Do lado de dentro das grades.....	56
Gorete Pinheiro — Mulher: em sua grandeza, a liberdade.....	58

Izadora Carvalho Laner — Fera Ferida	60
Jackeline Monteiro — Estefânia.....	61
Jasmim Valente Rodrigues — Essência.....	65
Jéssica Cristina da Silva (Jessicat) — Eu não tive onde chorar.....	66
Juliana de Souza Gonçalves — Feliz dia dos namorados.....	68
Karolaine Mendes (Kms) — Autobiografia à luz do patriarcado, iremos mudar o quadro!	70
Mara Dolores — O vendedor da corrente de prata.....	74
Maria Auxiliadora de Santana Silva — Mulher dona de nada ou dona de si?.....	78
Maria Veroni Martins (Teluade) — Uma mulher, uma guerreira	81
Marina Simões Koss — A aberração.....	83
Marluce de Paula — Última lágrima.....	87
Marta Mélo —Todas as cores	88
Mary Pinheiro — Padrões de beleza.....	90
Maura Luza Frazão — Reveses.....	95
Miraselma das Neves Sardinha — Delírios de amor.....	97
Mônica Anjos —Não quero entrar nessa caixinha.....	103
Nauza Luza Martins (Lua de Vênus) — Analu e seu primeiro sutiã.....	106

Neide Pereira de Oliveira — Caverna sem dragão.....	110
Prema Shakti — “Dois peixinhos”.....	115
Raquel de Castro — Sim e não	120
Regina Ruth Rincon Caires — Pausa para balanço.....	122
Roseane Pereira Rabelo — Quem sou eu.....	129
Sebastiana Fernandes de Amorim (Gemma Galgany) - Aprendi com a Viva	131
Simone Mota Almeida — Vinho amargo	134
Taynara Martins de Moraes — (R)existência da mulher pantaneira em Mato grosso do Sul	138
Thais Andressa da Silva — Mulheres na fotografia	147
Valéria Pisauro — Sonhos que se acabam	149
Wilma Silva Meira — Lua negra	156
NOSSOS AUTORES	157

APRESENTAÇÃO

Nos tempos modernos, as atribuições da mulher têm se intensificado sobremaneira e a mulher moderna vem cada vez mais ampliando seu universo de possibilidades. No entanto, paradoxalmente a toda a evolução adquirida ao longo da história, em pleno século XXI, ela ainda precisa provar em cada ação sua para a sociedade, que é capaz.

Os desafios para o "sexo frágil" ainda se impõem violentamente e é preciso repensar a prática social no que concerne à valorização da mulher nos diversos ambientes em que ela atua cada vez mais segura e dona de si.

Por essa razão, a coletânea "**Donna: vozes que ecoam**" vem ser essa proposta de reflexão, através de textos autobiográficos tecidos por 41 aurores do Brasil e do exterior, com o objetivo central de aproximar a discussão sobre a forma muitas vezes impiedosa de tratar a mulher.

Sonhos, medos, lutas e conquistas. Tudo isso faz parte do universo deste ser que quer SER mais no mundo, que almeja cada vez mais e sobretudo, ser reconhecida, valorizada, amada e respeitada em suas decisões e no trilhar do seu caminho, por vezes árduo, por vezes belo, mas sempre seu.

Esta obra foi construída a várias mãos, trazendo em seus textos a expressão da voz feminina nos mais diversos aspectos. Nela cada história se confunde e se completa com a anterior, pois é o grito de todas as "Donnas" que lutam e

sangram para serem cada vez mais e realmente DONAS de si e do seu destino.

Desejamos sinceramente, que a leitura da mesma, contribua de alguma forma para uma reflexão madura sobre os temas presentes nos textos, sendo um canal de possibilidades para mudança de atitudes num mundo que é cada vez mais plural, e no qual todos podem e devem ter a voz ecoada cada vez mais alto. Que as vozes ecoem uníssonas em busca de igualdade, respeito e dignidade. e que encontrem na sociedade, espaço para fazer florescer o amor, a justiça e a paz.

Uma excelente leitura.

Nossos

Textos

UMA ENTREVISTA — EXCERTO

Afonso Kudissalida (Sonibuna)

Eu já tive muitos nomes. Paloma, Mara, Tâmara, etc.. Mas, neste momento, sou chamada de Luiza Lobo.

Eu nasci no Brasil, durante a guerra do Golfo, em 1991. A minha família é de origem Francesa, e a família da minha mãe é de origem Italiana. Além disso, segundo a minha avó, tenho familiares que trabalharam para um dos imperadores da Europa.

Eu nunca tive contacto com a família do meu pai porque são conhecidos como loucos. Sério! Loucos mesmo!

Eu sempre estive com a família da minha mãe, que cuidam bem de mim, especialmente os meus avôs.

Eu fui criada pelo meu pai adotivo, que era negro, ele cuidava bem de mim. Ele sempre foi uma boa figura paterna para mim, porém, a minha mãe sofria muito porque ele era um maníaco ciumento. A minha mãe sempre foi muito depressiva e com a rigidez e o ciúme doentio do meu padrasto, minha mãe sofria muito. Mas eu sempre via ela como uma santa.

Meu pai adotivo sempre me dava o que precisava. Tanto é que aos 4 anos, meu padrasto me colocou a estudar pianismo e eu comecei a tocar piano. Eu até estudava numa escola particular e não passava necessidade.

Quando eu tinha pelo menos 4 anos, fui visitar os meus avôs, na parte do meu padrasto. Encontrei lá duas primas minhas, que também eram pequenas. Foi muito bom não ter de ser a única criança da casa dos velhotes. Seria muito chato. Eu tinha com quem brincar e isso me deixou muito animada.

Enquanto brincávamos, elas me levaram num dos quartos e disseram que queriam mostrar algo que elas aprenderam. Eu fiquei curiosa e fiz o que elas mandaram.

Elas tiraram a roupa e eu fiz o mesmo. Daí, uma subiu em cima da outra e esfregou a vagina dela na da outra. Elas perguntaram se percebi como se fazia e eu, sem saber o que estava a acontecer, simplesmente abanei a cabeça.

Uma delas subiu em cima de mim e esfregou a vagina dela na minha, a segunda fez o mesmo. Eu não entendi o que estava a acontecer, mas, sinceramente, gostei da sensação.

Aos 8 anos, quando eu estava deitada na cama, olhei para o meu ursinho de pelúcia. Eu subi nele, nua, e comecei a esfregar a minha vagina no urso. Na verdade, era doloroso, mas no final, eu gostava da sensação. Então, eu concluí que para sentir aquela maravilhosa sensação tinha de se sofrer.

Em minha casa, havia um canal onde passava pornografia. Embora a imagem ficava ofuscada, dava para ouvir o som da mulher e do homem fazendo sexo. Isso me deixava muito excitada.

Essas foram as primeiras experiências sexuais que tive. Os meus pais não sabiam de

nada. Nem sequer imaginavam o que estava acontecendo.

Com 11 anos, eu vi minha mãe se separar do meu padrasto e fomos viver com a minha avó, mãe da minha mãe.

Nessa época, eu dei o meu primeiro beijo a um garoto chamado Miguel. O Miguel e um amigo, nesse mesmo dia, me chamaram e tiraram os seus pênis para fora. Eles me mandaram masturbar eles. Eu nunca tinha masturbado ninguém e disse que não sabia fazer aquilo. Eles riram e disseram que era só fazer para cima e para baixo, com as mãos nos pênis deles. Eu fiz e gostei da sensação de ver eles gemerem. Foi espantoso.

Depois, aos 12 anos, eu comecei a namorar um homem de 18 anos. Certa vez, enquanto nos beijávamos, ele começou a pôr a mão no meio das minhas pernas e eu estava assustada. Ele percebeu isso e disse que não faria nada para me machucar. Não chegamos a fazer sexo, mas eu tinha uma desejo sexual fora do normal.

Depois eu comecei a trabalhar numa loja infantil. Lá havia um garçom chamado Marcos. Certo dia ele me perguntou se eu era virgem, mas eu disse que não, pois não quis passar vergonha. Então, eu convidei esse garçom para ir na minha casa. Quando estávamos juntos, ele mostrou o seu pênis. Eu tentei sentar nele mas doía muito, pois eu ainda era virgem. Eu não lembro se eu cheguei a fazer sexo oral nele, mas eu precisava daquilo para me conhecer.

Na minha formatura, aos 15 anos, fomos a uma balada com uns amigos. Eu conheci um

homem que me tirou a virgindade. Doeu muito, eu fiquei imóvel. Mas, eu queria mais. Por isso, chamei um outro colega e fiz sexo com ele também. Eu gostei muito disso, mas ainda não me sentia satisfeita.

Enquanto a minha mãe ia trabalhar, eu ficava em casa, transando com muitas pessoas. Um diferente do outro. Certo dia, meu padrasto foi me visitar e me encontrou a transar com um cara, enquanto eu gritava de prazer.

A minha mãe começou a namorar com outro homem e, cansada com as minhas loucuras de festas, chegar fora de hora, namorar qualquer um e os desrespeitosos, me abandonou e foi viver com o seu namorado. Eu fiquei sozinha.

Havia uma garota que praticava bullying comigo e ela estava sem lugar para viver. Eu queria me vingar dela, por isso, chamei ela para viver comigo. Também convidei a ex-namorada do namorado dela. Eu não sou nem lésbica, nem bissexual, mas eu namorei a ex do namorado dela, namorei o namorado dela e, numa festa, namorei também com ela mesma. Ou seja, eu acabei namorando os três!

Depois eu conheci uma mulher chamada Mila, que me levou pela primeira vez numa boate. Eu comecei a me prostituir para sustentar a casa e levei a Maria, que era uma das outras garotas que vivia comigo. Então, nós nos prostituíamos para sustentar a casa. Também vivia conosco o Jó, que era muito apaixonado por mim. Uma vez eu dormi com ele e ele colocou o seu pênis para fora e eu comecei a olhar para ele, sorrindo enquanto ele se masturbava.

Após desalugarmos a casa, eu fui a casa dele e eu acabei fazendo sexo com ele, ele tinha uma amor platônico por mim.

Me apaixonei por um cliente. Depois, quando esse cliente viajou de volta para o seu país, eu voltei a viver com a minha mãe e me casei.

O homem por quem me apaixonei voltou da viagem e eu me encontrava com ele até me engravidar. Ao saber disso, ele fugiu e viajou de novo. O meu marido pensou que a gravidez era dele, anos depois, esse cliente voltou de novo e me engravidei pela segunda vez, fugindo de novo.

O meu marido assume dois filhos que não são seus, e ele ainda se gaba por eles.

Os anos nunca deram certo para mim, sempre dá errado.

Atualmente trabalho de novo com prostituição e sou dona de uma casa de prostituição.

Não me arrependo por nada que fiz e o que faço. Eu amo sexo e, aguento até mesmo um pênis de 25 cm.

Quanto mais sujo e bruto for um cliente, mais eu me sinto satisfeita. Quanto mais gentil e limpo um cliente for, mais insatisfeita me sinto.

Eu tenho uma história com muitíssimos detalhes. Uma história que ganharia um prêmio Nobel.

AGATHA

Aline dos Santos

São muitas as mulheres frágeis e necessitadas de proteção, e há várias que decidem vencer a qualquer custo, são inúmeros os desafios que temos de vencer constantemente, e quem pode nos estender a mão, ou ouvir a nossa voz? Sou Agatha, a minha voz emudeceu por muito tempo, mas é hora de ecoar através dos ventos.

A minha tortura começou em 10 de outubro de 2010, quando eu voltava da academia, não era tarde, nem cedo, acreditava que as coisas horrendas só aconteciam quando ocultas na escuridão da noite. O sol brilhava forte, eram sete da manhã e eu me sentia feliz. Eu amava fazer meu treino de manhã, acordar às 5 da manhã, sentir frio e caminhar até a academia. Me lembro bem desse dia. Lá ia eu, rabo de cavalo, macacão de ginástica e tênis branco, uma maquiagem bem leve para

não dar na cara que eu estava querendo ser mais do que eu era. Um dia inesquecível pra mim.

Estava tão distraída que não percebi atrás de mim um carro, que parou rapidamente, senti uma mão apertando meu nariz e minha boca, e meu corpo caiu sobre si mesmo. Quando acordei, estava amarrada pelos pés e mãos em uma cama e um homem, passava uma faca pelo meu corpo.

— Quem é você? O que quer de mim? -

Gritei cheia de pavor.

Ele sorriu, demonstrando sua insanidade.

— Olá Agatha! Fico feliz que tenha acordado, não gosto de brincar sozinho. Antes de tirar sua pele, devo me apresentar, afinal de contas faz meses que espero por esse momento.

— Sou Marco e vim marcar sua vida, ou sua morte, tanto faz.

Nesse instante percebi que ele realmente era insano, estava claro que ele era um psicopata, sabia meu nome, planejou o crime..

Eu não quero morrer aqui, deve haver algo que eu possa fazer. Pensava! Marco saiu e ficou fora o restante do dia.

Não sei como e nem porque, mas eu dormi a noite inteira, amanheceu. Resolvi observar se havia algum meio de sair daquele lugar e enquanto eu olhava as paredes do quarto, percebia que havia anotações sobre a minha vida, minha rotina, muitas fotos, não só minhas, mas de muitas outras mulheres e havia também fotos da minha amiga Marília.

De repente a porta se abriu e o Marco entrou.

O que me intrigava é que Marco era um homem muito bonito e também parecia ter dinheiro, o que ele realmente queria de mim? O que eu fiz? Sabia que era impossível sair viva dali, pois o Marco não escondeu sua identidade .

— Marco, você pode me matar agora, ou fazer o que você quiser comigo, mas diga-me, porque eu?

— Ágatha, gosto desse nome! Pronunciá-lo me deixa excitado, se bem que prefiro coxas

menos malhadas, mas é bom ter algo diferente na coleção.

— Eu sou Marco, por isso gosto de marcar a vida das pessoas, eu estou no comando aqui Agatha, não sei se você percebeu, mas você não pode mudar o fim desse jogo. Apenas preciso me divertir um pouco.

Eu ouvia tudo em silêncio, tentando achar um meio de escapar.

— Eu gosto de conversar com você, mas talvez Agatha eu me encha, pois você não tem um bom diálogo, só sabe perguntar, eu posso te responder todas as perguntas que saírem dessa boquinha vermelha, mas prefiro que o diálogo seja de nível elevado. Afinal eu sou um homem inteligente, não me apaixono por músculos, minha linda.

— Pronto então faça agora, se canse e me mate.

Nesse momento Marco muda o seu semblante, e pergunta.

— Você não está com medo? Então acho que posso te mostrar meu plano.

Disse enquanto abria uma porta estranha, e lá havia vários cadáveres de mulheres sem pele.

— Fecha isso marco, o cheiro está horrível... Marco pegou uma espada samurai e começou a passá-la pelo meu corpo, enquanto fixava seus verdes olhos aos meus. Nunca vou esquecer aquele olhar.

Ele saiu mais uma vez, eu entendi o jogo do marco, eu não ia implorar por minha vida, tanto fazia eu morrer ou não, mas se ele não me matasse eu o mataria.

Marco havia descoberto muitas coisas sobre meu presente, mas não sabia nada sobre o meu passado.

Eu era fascinada por lutas marciais, por esportes e aprendi muito bem a utilizar armas e facas. Nesse momento, enquanto marco apertava uma navalha em minha garganta eu disse. Calma marco assim vc me excita. Então Marco se empolgou e ele estava excitado e me virou para também me violentar, esquecendo -se da faca que estava sobre a maca. Com um só golpe no umbigo eu o matei.

Chamei a polícia pois o crime que eu havia cometido fora em legítima defesa. Eu só não contava com o fato do Marco ser um empresário rico filho de um Juíz, isso me levou direto para a prisão, e nesse cárcere eu estava sozinha.

Passei por muitas humilhações, fui torturada, obrigada a dormir no chão frio por diversas vezes, e sem que isso bastasse, o Juíz que me condenou, o pai do Marco. Precisou de uma doação de rins urgente e me obrigaram a doar a ele. Não pude negar!

Passaram-se 5 anos e então eu ganharia a liberdade... Mas que liberdade? Depois que saí procurei emprego em vários lugares, mas sendo ex-presidiária não conseguia nenhum trabalho, fiquei sabendo que no interior estavam contratando para colheita de café, o trabalho era árduo, mas daria para sobreviver. Enquanto trabalhava debaixo de sol ou chuva, trabalhei por 3 meses e logo depois desse tempo, comecei a passar mal, mas eu precisava continuar, desmaiava o tempo todo, pois me sentia muito

fraca, tive de parar com o trabalho no cafezal e voltar para a cidade, desde então vivo nas ruas da cidade de Campinas, não ousou replicar o destino, pois passo de cabeça erguida por tudo o que tenho que passar. Será que algum dia poderei me reerguer e conquistar outra vez a minha dignidade?

AQUELA MULHER

Auta Tânia do Nascimento Lima

Lembro-me daquela mulher que cantarolava sorridente, trabalhava em seus afazeres domésticos, e também lavava roupas em uma casa de família para completar seu sustento.

Ainda cuidava do seu cachorro e do papagaio, este por sua vez pronunciava algumas palavras que, se alguém as ouvisse com atenção, saberia um pouco da realidade de sua dona.

As palavras que o MEU LOURO balbuciava era a repetição do que ouvia, "vou te bater", "miserável" e outras ...

Ao anoitecer, ela já começava a ficar triste, pois aquele homem chegaria para tirar seu sossego, sua paz, e com agressões chegava, e aquela noite seria sem fim...

Às vezes, as autoridades policiais o prendiam, mas em seguida, solto novamente e com mais raiva. Para ela e os filhos, um pesadelo; e para ele, o fracasso de uma vida mal resolvida também.

E assim esta senhora, diante de tantas leis que a protegia, pessoas e ONGs, que dia e noite também a defendiam, teve sua vida ceifada e sem chance nenhuma de voltar atrás, porque a golpes de facas, aquela mulher no chão não pôde lutar mais.

MULHER OPRIMIDA

Bianka Soriano

Definir o amor é algo muito complexo. Mergulhando na história, podemos perceber essa tentativa de definir tal sentimento.

Segundo Platão, amar é o caminho para experimentar a beleza mais pura que vai muito além do físico. Para Aristóteles, o amor é a alegria que se sente na conexão e que desejamos tornar eternidade. Já Erich Fromm, filósofo alemão, dizia que cultivar o amor-próprio é necessário antes de amar alguém plenamente.

Diante de inúmeras definições, como podemos entender em pleno século atual, a existência de uma sociedade machista, patriarcal, que desvaloriza o papel da mulher? Ouvimos muito a frase "lugar da mulher é onde ela quiser", mas na prática não é bem assim. Há mulheres oprimidas, indefesas que são humilhadas e agredidas, sem coragem de denunciar, e, sem entender o seu grande valor, continuam submissas por falta de amor próprio.

Segundo a psicóloga Carolina Leão, "o amor próprio é o antídoto contra a dependência emocional". No relacionamento abusivo não há troca equilibrada de afeto e cuidado, então acaba devastando o estado físico e psíquico, no qual a vítima fica sem qualidade de vida, pois sua alegria, sua paz de espírito e todas as suas forças

são roubadas de certa forma, quando se convive com um abusador.

Para Augusto Cury, “a violência não é causada apenas pela ação dos tiranos, mas também pelo silêncio dos que se calam”. É preciso que as mulheres agredidas ou as pessoas que tenham conhecimento de algum caso de agressão, não sejam omissas e façam ecoar a sua voz, denunciando tal ato sem receio do opressor.

Como podemos admitir um número tão alto de feminicídio e ficarmos alheios a essa situação? Homens que dizem amar sua companheira e cometem tal crime? Esse número aumentou assustadoramente na Pandemia da Covid-19 em diversos países.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos – ACNUDH, o Brasil ocupa o quinto lugar no ranking de feminicídio.

Que espécie de amor possessivo é esse que não suporta a convivência diária do seu parceiro, tornando algo insuportável? É chegada a hora da Lei Maria da Penha sair do papel e se tornar mais rígida. Não podemos cruzar os braços e nem calar a nossa voz.

É necessário que haja mais políticas públicas. Família, Escola e Governo devem traçar metas, trabalhando esse tema com as nossas crianças e adolescentes, para que haja uma tentativa de acabar com o preconceito contra a mulher e dessa

forma, amenizar os casos de violência e de feminicídio em nosso país, e mais rigidez nas leis para que as mulheres possam sentir segurança em denunciar o agressor.

DORME FILHO, DORME

Bruno Marquês Areno (Bima Sumahir)

Com os braços trêmulos carregava o seu pequeno, de ventres vazios mergulhavam naquele abismo. Estendeu o único pano que possuía no corpo, e sobre ele depositou carinhosamente o seu filho, entranhas da sua vida. Tudo estava silencioso. O tocar das armas tinha adormecido. Naquela noite fria e sombria, os morcegos não voavam. O cheiro doce e encantador da pólvora despertava o medo adormecido em cada ave. Ia ela se retirando aos poucos, quando ouviu uma voz cheia de fantasia, chamando-a:

— Mãe, Mãe!

— Você ainda não dormiu? O que queres? - Perguntou um tanto assustada, enquanto se sentava ao pé do seu pequeno.

— Porquê os atletas recebem tanto dinheiro? - Indagou o petiz, divorciando-se animado do chão que o prendia.

— Porque correm bastante.

— Assim como nós corremos de Cabo Delgado até aqui, não é?

— Sim. Agora dorme, e não diz mais nada! - Sentenciou ela com a voz com sabor de amargura e olhos enfeitados de dor. Tinha a alma avermelhada, reflexo do sangue que orvalhava nos campos verdes, lá onde as flores perderam os seus aromas.

O menino voltou à carga, mas a voz continuava angelical, soprando aquele clima de dor por alguns instantes.

— Mãe! Então, logo que a guerra passar, receberemos dinheiro por tanto correr, tal como acontece com os atletas? - Diante do silêncio da mãe, ele prosseguiu.

— Comprarei pães que cubram o mundo inteiro para que nunca mais durmamos como hoje, sem nada na barriga.

Ela somente escutava, toda impotente. As suas doces lágrimas começaram a temperá-la, o pobre e sofrido rosto de mulher sem norte. Nenhuma palavra encontrou a não ser a insistência dolorida no que já havia dito.

— Agora dorme filho!

— Mãe! - Insistia o menino no mesmo tom sereno, inocente.

— E os lutadores, ganham dinheiro por escaparem de porradas e de tanto verem o sangue? Eu também ganharei dinheiro assim que a guerra terminar porque no seu colo escapei das balas. E tem mais mãe, também vi sangue. - Disse ele entre sorriso suave. Ia ele abraçar a mãe, mas esta o sacudiu e desatou a gritar, toda eufórica:

— Cala essa boca! Você não viu sangue nenhum! Ouvia?

A mulher por um instante achou-se incompetente. Incompetente por não ter conseguido cegar o filho apropriadamente. Permitiu contra vontade que um ser que mal conhecia a vida visse a dor e o sofrimento. Achou-se incompetente por deixar que o seu filho

fizesse do cheiro do sangue o seu perfume. O rapaz sempre suave e com a voz doce de embebedar almas, disse:

— Vi sim! Vi a cabeça do papá saindo do lugar, e o seu corpo estava coberto de sangue. Entre as palmas das suas mãos dava pra ver tudo. Por detrás dos seus dedos doloridos e calosos, vi rios de sangue.

Por um instante ambos se mantiveram em silêncio, ao som do ar quente e dolorido que saía do mais íntimo deles mesmos. Os lábios dela ferviam de dor, desejos de soltar o mais poderoso grito, mas não possuía força para efeito, então virou o seu rosto para o lugar onde se encontravam o nada e o vazio.

— Eu sei que a mãe me mandou que fechasse os olhos para não ver sangue e muito menos a morte, mas a curiosidade era tanta que não pude obedecer.

Ela continuava a não encontrar palavras para descrever ao filho a verdade sobre os tristes acontecimentos que vivam, aquele menino de apenas quatro anos de idade. Rolaram mais lágrimas pelas bochechas secas.

Ela puxou o pano que servira de cama, sacudiu três vezes. Sem nada dizer cobriu o seu corpo magro e leve, encolheu e encostou a cabeça numa árvore.

— Mãe você disse que o pai foi chamado por Deus, ele quando nos chama nos tira a cabeça? - insistiu o menino.

— Eu já disse para calar, merda! - Gritou a mulher aos choros e a nascente doce de lágrimas rasgava-lhe o rosto sofrido. As lágrimas da

mulher perderam cor. Eram tão, mas tão transparentes que por um segundo ela mesma achou que a fonte tinha secado e que só lhe restavam a dor e o soluço...

AS MULHERES

Carlos Augusto Furtado Moreira

A essência da luz da vida cabe às mulheres: vital importância para a continuidade da espécie humana; fortaleza incomparável que, gerando a vida, é capaz de experimentar, suportar e vencer vicissitudes, muitas vezes sem reclamar, sem manifestar o peso de fardos que parecem estar além de sua capacidade.

Guerreiras imbatíveis, silenciosas, dotadas de potenciais inimagináveis que conseguem doar seu coração a inúmeras vidas, sem perder a afeição, o carinho, a atenção e o amor.

Dignas de todos os sentimentos nobres, nos obrigam ao respeito.

Respeito conduz à atenção.

Atenção leva ao acatamento.

Acatamento quer dizer aceitação.

Aceitação sugere acolhimento.

Acolhimento é nutrir afeto.

Afeto desenvolve o apreço.

Apreço implica em atendimento.

Atendimento é ter cuidado.

Cuidado manifesta-se em consideração.

Consideração caracteriza-se em cortesia.

Cortesia é tratar com deferência.

Deferência é desenvolver empatia.

Empatia transforma-se em estima.

Estima, estimula a ética.

Ética é permitir gentileza.

Gentileza imbui reverência.

Reverência é maximizar a valorização.

Valorização é cultuar a veneração.

Veneração é importar-se com o zelo.

Zelo é a forma mais respeitosa de se valorizar as mulheres.

E é por tal, que a mulher maranhense, em minha ótica, se difere das demais mulheres brasileiras, porque o Maranhão é o torrão natal de mulheres fortes;

Mulheres batalhadoras, que no dia-a-dia lançam-se a superar adversidades;

Mulheres "Amazonas" que fazem de seus exemplos, as lanças de suas lutas;

Mulheres que não desistem;

Mulheres que, acompanhando a evolução social, são cômicas dos seus direitos;

Mulheres que, em pé de igualdade com o sexo oposto, mostram a pujança de sua maranhensidade;

Mulheres que, com a leveza da pena, permitem-nos experimentar a beleza de sua poesia;

Mulheres que, com a sua perseverança, fortalecem os poderes republicanos em todas as esferas;

Mulheres de belezas brejeiras que se destacam no cenário brasileiro;

São Marias que nos orgulham por serem bisavós, avós, mães, esposas, filhas, netas, noivas, namoradas, ficantes, amigas e/ou colegas, que recebem o meu carinho, abraço fraterno, respeito e consideração, por terem a felicidade de serem maranhenses.

ALANA, SUZI E A POLÍCIA

Cassiano Ricardo Martines Bovo

"Para as travestis a morte não tem nada de extraordinário, pois é uma experiência cotidiana" (Lohana Berkins)

Por volta da meia noite, estava Alana sozinha no seu ponto. Perdida em meio aos seus pensamentos no fraco movimento daquela noite, voltou a si com o burburinho vindo de perto dali, a uns 50 metros. Uma viatura parada, dois policiais, armas em punho, e na calçada três travestis à sua frente. Um dos agentes dizia:

— Mãos na cabeça, encosta na parede. Uma delas falou algo e um deles disse:

— Cala a boca! Suas putas! Vocês não prestam!

Em seguida chegaram mais duas viaturas.

Alana não tinha ideia do que elas fizeram, mas isso ficou para segundo plano. Seja lá o que fosse, o que a impressionou foi a maneira como os homens da lei as trataram. "Abordagem" é algo que se tornou importante para ela, fonte de preocupações, curiosidade e precaução; há três anos na cidade grande, vinda de uma cidade do interior do Pará, ficava cada vez mais chocada com o que via.

Dois dias depois, Alana estava no ponto conversando com o motorista de um carro que parou para perguntar sobre um possível programa. Do outro lado da rua, na esquina, uma viatura da polícia parada. Um policial atravessou a rua, foi em direção ao motorista e disse:

— Cuidado, elas roubam.

Assustado, o motorista foi embora. O policial ficou frente a frente com Alana, sem a mediação do carro, e disse:

— Sua gostosa.

Uma coisa ela percebia: muitos policiais, ao mesmo tempo em que têm raiva, têm tesão pelas travestis.

Alana fica ligada no noticiário. Frequentemente vê algo referente às trans e policiais, como o caso da travesti negra Sol, que filmou uma abordagem truculenta de policiais militares na Praça da República (São Paulo). Embora outras pessoas também tenham filmado, apenas Sol foi levada à delegacia, mas antes, foi agredida física e verbalmente. Impressiona-a também, a forma estereotipada, criminalizada de antemão, como se veiculam muitas notícias; várias delas com o uso do masculino ao se referir às mulheres trans.

Quem conversa muito com Alana, orienta e a protege, é a cafetina Suzi, com quem mora desde que chegou em São Paulo. Numa tarde depois do almoço, as duas começaram uma conversa que

derivou para a questão da polícia e dos policiais, quando Alana revelou suas preocupações e temores.

Suzi é uma travesti “das antigas”, muito vivida, que chegou à casa dos 60 anos de idade, o que raramente acontece no Brasil, onde a expectativa de vida de uma mulher transexual está em torno de 35 anos. Ela é, portanto, uma autêntica sobrevivente; viu muita coisa, o que lhe dá autoridade.

Perante a curiosidade de Alana, Suzi disse: — Minha filha, você não sabe como esse problema com a polícia é antigo! Já lá pelos anos 70, quando mostramos que viemos para ficar, a polícia aterrorizava. Eu estava começando... época da ditadura; ouvia minhas colegas falando das barbaridades. A polícia nos colocou como mais um de seus inimigos. Havia gente que falava que nós éramos subversivas! Vê se pode!

— Você está falando da ditadura, que todo mundo fala até hoje, não é?

— Sim.

— Quando foi mesmo?

— O país foi governado por militares de 1964 a 1984.

— Que barra! Como sofreram as putas, as travestis, as lésbicas e os gays!

— Minha filha, você não sabe o que passamos! Éramos caçadas como animais, de forma impiedosa. Humilhadas e torturadas. Quase

ninguém gostava da gente e os policiais, em geral, também não. Massacravam, mesmo aquelas que nunca tinha feito nada. Também aproveitavam para se satisfazerem em cima da gente.

— Como eles abordavam as travestis?

Suzi, rindo, respondeu:

— Eles vinham dando porrada, falando palavrões, humilhando mesmo. Para você ter uma ideia, tinha um delegado famoso em São Paulo, um tal de Richetti, implacável com as travestis, um terror. Outro famoso, assustador em São Paulo era o Erasmo Dias. Agora, tinha um, chamado Guido Fonseca. Esse tinha uma mania: ele colecionava fotos e desenhos das travestis da cidade para conhecer, estudar e enquadrar. E outros, na maioria das cidades, todas trans falavam. No Rio de Janeiro, os delegados Deraldo Padilha e o Andrade. Em BH, o Gonçalves, no Recife, o Acioly. Tudo isso se misturava à repressão política.¹

— Como as travestis faziam para trabalhar, ganhar dinheiro?

— A gente não podia trabalhar direito. Pressão. Toda hora a polícia fazia operações de caça, o pessoal chamava de arrastões, blitz,

¹ Suzi está se referindo aos delegados José Wilson Richetti e Guido Fonseca; também, ao Coronel Erasmo Dias (que atuou como Secretário da Segurança Pública), em São Paulo. No Rio de Janeiro, o delegado José Gomes de Andrade; em Belo Horizonte, a Joaquim Ferreira Gonçalves, Secretário de Segurança Pública e o delegado Francisco de Assis Gouveia. Em Recife, ao delegado João Batista Acioly Sobrinho.

rondões, dependia do lugar. Era muita viatura, camburões, para pegar a gente. Levavam as travestis aos montes para a delegacia. Queriam as carteiras de trabalho e comprovação de emprego. A maioria não tinha; era justamente por isso que nos prostituíamos, não é? Enquadravam como vadiagem. Mas também, se tínhamos carteira de trabalho, muitas eram enquadradas como atentado ao pudor. Queriam tirar a gente da rua de qualquer jeito. Eu mesma passei algumas noites na cadeia; no dia seguinte eles soltavam, algumas ficavam mais tempo. Os juristas diziam que era ilegal, mas eles faziam.

— Como era na rua?

— Nós causávamos mesmo, era uma sensação; os homens ficavam boquiabertos quando a gente fazia as nossas performances seminuas na rua. Nos exibíamos, era tudo novo na época. Mistura de desejo, sexo, e também, repressão que vinha de todos os lados: das famílias, da mídia, da polícia. Nós incomodávamos.

— E essa história de se cortarem, é verdade?

— Sim. O pessoal chama de automutilação. Às vezes, para nos livrarmos de sufocos, principalmente com policiais, nos cortávamos com gilete. Os policiais morriam de medo. Isso antes da Aids, hein? Imagina quando ela veio... Agora, por falar nisso, a Aids foi uma crueldade para a gente, sabe? Já éramos mal vistas e associaram a

doença à gente, como se estivéssemos disseminando na sociedade. A perseguição se tornou mais forte. Em São Paulo teve até uma tal de Operação Tarântula, perseguindo e matando a gente, por causa disso.

— Mas quando terminou a ditadura melhorou, né?

— Que nada, parece até que piorou.....

— Nossa! Mas não mudou o governo?

— Mudou o governo, mas não as polícias; até porque eram as mesmas pessoas, as mesmas delegacias, prisões. Os policiais continuaram a dominar as áreas de ronda, exigindo propina para trabalhar, queriam sexo gratuito, achacavam, forçavam mesmo. Várias travestis – que não aceitavam – apanharam, sumiram ou apareceram mortas. Isso não terminou na ditadura, não. Foi um negócio que ficou até hoje!

— Mas eles não têm que seguir protocolos?

— Que protocolo, que nada. Cada policial ia resolvendo à sua maneira. Às vezes prendiam sem motivo; outras, quando deviam prender, não faziam, queriam ganhar em cima. Mas os movimentos começaram a questionar. Principalmente entrando nos anos 2000. Muitas organizações foram surgindo. Chegaram nas Câmaras municipais, Assembleias estaduais, Congresso. Houve muito questionamento. Teve outra coisa que foi uma baita mudança: os celulares. Agora dava para gravar, filmar. Os

policiais começaram a ficar preocupados. Houve casos que deu problemas para eles.

— Então houve uma melhora?

— Os policiais começaram a manear, fazer as coisas mais no controle, escondidos, na surdina, entende? Mudar não mudou, mas muitas vezes deu uma aliviada. Esse negócio da polícia, na verdade, nunca se desfez e a impunidade mais escancarada passou a ter um limite. Mas até hoje aparece cada caso feio de violência com policiais, não é?

— Mas tem policiais que são legais com as travestis, não é?

— Sim, não podemos generalizar, têm alguns que tratam bem, sim. Há policiais que atuam em organizações. Outros se apaixonam. Eu conheci uma travesti que se casou com um policial. Tem outra coisa: não sei se isso ajudou mesmo, mas as polícias começaram a implantar cursos, formações de policiais ensinando sobre as travestis.

— Pelo menos agora, não podem dizer que não sabem, não é?

— Mas eu acho que a maioria deles, como a sociedade em geral, não gostam da gente, não. Hoje está tudo muito dividido; isso é perigoso também.....Temos mais solidariedade, luta, apoio, organizações, leis, mas tem um outro lado que é mais raivoso e violento ainda, inclusive essas pessoas religiosas, fanáticas.

— Poxa! Qual a saída?

— A saída que muitas escolheram, foi literalmente sair do país. Primeiro, muitas foram para França, ainda na época da ditadura. Depois, Itália, Espanha e outros países, principalmente na Europa. Mas nem sempre é fácil, muitas são deportadas até hoje, pois entram ilegalmente, ficam em situação irregular. E também sofrem preconceito, perseguição, não é só aqui não.... Tem o frio, as drogas....

— Parece que não tem muita saída...

— Houve melhoras, mas depende da gente ir construindo.....Tem muita coisa ainda para fazer: trabalho, educação, saúde, segurança, e por aí vai....

BLASFÊMIAS

Elaene Suzete de Oliveira Pereira (Preta)

Foram anos de amor gritante, chorando.

Me cortando...

Louca me perdi no canteiro sem adubos,
minha boca escancarada desbotando no riso fácil,
entregando-me as farândolas fenecidas.

Princesa de um só rei, majestade de um só dia!

Numa noite de fé, vagueando noite adentro
na loucura parca.

Tentei apagar a cambará das blasfêmias
incontidas com os primeiros raios de sol.

Meus ossos moídos se saciaram com um saco
recheado de sal.

De uma a uma as pessoas são penhoradas,
não somos apenas refugiadas somos o efeito da
ira obstinada.

De joelhos, com um maço de velas a
queimar, rezo: Salve! Oh! Rainha de dupla
jornada genitora de rebentos catarrentos.

Salve! Oh! Mãe geradora de traumas infantis, de
futuros pais pueris.

Oh! Clemente geradora de vaginas e pênis
bêbados do alvorecer do dia, flutuantes nas
calçadas da fama e dos becros incultos.

Oh! Piedosa mãe de gerações corruptas no
entardecer dos juízos finais, solitários do
proletariado fiel mártir dos mártires.

Creio em ti.

Oh! Santa dos pederastas que sentidamente guardam em ti a criança impune dos castigos paternos.

Desça a ladeira da vaidade, rebole seu vício nas avenidas fantasiadas de carmim diabólico do sexo pelo prazer.

Oh! Pecadora gestora do orgasmo suculento escorrido na boca do mundo.

Oh! Sejais santa para que seus pecados sejam perdoados, sejais putas para que seu amor seja amado.

Oh! Dias nublados da imperfeição feminina que atijas o monstro desde pequena, tão tenra infantilidade de suas peripécias descobridora do prazer.

Estudai a ignorância do ser, amai a cria imperfeita. Regozijai a estatueta moldada pelas próprias palavras e gestos esculpturados na própria ignorância. Gestora dos dias perdidos das noites caladas e opressoras do conflito interno.

Gestora das guerras. Mandai seus filhos para a luta e aguarde temerosa a notícia de seu funeral, assim seja feita a sua vontade, genitora dos ardis e conchavos infinitamente corajosos e temerosos de uma economia precatória.

Rogai justiça infinda nas bocas pedintes de seus filhos.

Oh! Mãe desnaturada dos verdes das águas, do fogo e do ar que respira com sua fumaça de cigarro barato. Oh! Piedosa mãe do chão que pisa no ar que voas, no mar que nadas e no fogo que arde nas entranhas do prazer.

Oh! Genitora dos eletrodomésticos, das sortes grandes do consumismo, da ditadura de ser belo.

Do sucesso traumático da arrogância do supremo delírio és a genitora da podridão assepticamente alcoolizada.

Na maldição da rainha destituída de lar retorne ao posto, ao trono coroe seus cabelos brancos sedentos de orgia, te ame como santa, como puta que sois, sê tronada pelos súditos que te consomem o espírito.

Oh! Mãe dos funerais sem flores, dos finados sem placas, sem nomes dos evaporados pela maldade das outras rainhas destituídas de lares.

Uni-vos na decência da raça sem rosto sejais exércitos, sejais bandas de 'rock'.

Sejais piedosas lavadeiras, namoradeiras, macumbeiras.

Oh! Puta-mãe de deuses de presidentes (as) presidiários (as).

Da inocente infância de seus cuidados.

Oh! Santa purgada na escuridão do seu medo, na solicitude de seu amor, na desesperança do seu desejo, na sucção de seu seio.

Oh! Flacidez imbatível do tempo das horas amenas, do vento pela fresta do egoísmo, sem trono te perfila na solidão do quarto com meia luz.

Sucumba-te na própria rudeza dos sentidos, delire sua mocidade desdentada sem o beijo de despedida, sem o toque de recolher de seus desejos, sem a alvorada da ilusão.

Mulher rogo-te o perdão das orgias da vaidade, do descaso, do desamor, da lua caolha, do sol vesgo de cada dia.

Bendita sois vós.

Oh! Prematura ideia do ser.

As escolhas foram tomadas: – importa com que idade?

Os becos da cidade mudaram, assim os percorri sem me dar conta; que decisões não mudam o grande formigueiro de saúvas. Quero navegar os mares numa jangada salvando os náufragos de si mesmos.

Quiçá os deuses no alvorecer ignorem a força brutal, alimentem a chama do florescer leve, límpido como cristal.

O CONHECIMENTO COMO LIBERTAÇÃO

Elaine dos Santos

Numa terra de machos, de centauros e monarcas – preconceituosos, eles disseram que ela era louca, feia, velha, gorda, mal-amada, imbecil, idiota, malsucedida. Ofenderam-na, humilharam-na, porque, afinal, mulheres não podem pensar, não podem articular ideias, não podem ter posições assertivas.

Contudo, ela havia estudado, lera muito, aprendera muito, empoderara-se. Desde criança, a sua mãe dissera: “O conhecimento liberta” e ela ultrapassou, apesar da dor, da vergonha e da tristeza, aqueles dias turbulentos, porque sabia...

Sabia que vivemos em uma sociedade – a brasileira - patriarcal, excludente, preconceituosa, misógina.

Os homens creem em seu poder de mando, acreditam que, por serem detentores de um pênis, podem gritar e blasfemar, e todos no seu entorno, devem ser subservientes – como lhes faz falta ler Aristóteles.

As mulheres temerosas pensam que podem perder a sua confortável posição de anjos tutelares, rainhas do lar – como Augusto Comte calou forte na sociedade sul-rio-grandense -, se outras mulheres não tiverem filhos, abdicarem do ideal máximo do que elas acreditam ser feminilidade, terão o seu reino desestabilizado.

Ser feminina, ser feliz, saber o que se quer, saber por onde caminhar, saber escolher e construir o próprio destino passa pela liberdade de fazê-lo. Ler, estudar não nos faz menos mulheres, muito menos não nos faz menos seres humanos, talvez até nos traga mais compreensão, empatia, compaixão.

Todos os dias, em mim, ecoam os ensinamentos da minha mãe – semianalfabeta, empregada doméstica, que me disse que eu poderia ser feliz, se eu fosse livre, se eu estudasse, se me desse o direito de conhecer e entender as pessoas e o mundo, mesmo que elas não estivessem dispostas a me entender, isso é uma incompletude delas, não é minha.

GUIDA

Estélia Meg

As águas do rio, tocadas pelos raios de sol, descem brilhantes ziguezagueando as pedras como estrelas caídas do céu. Uma necessidade urgente de relaxar o corpo refrescando os pés na água fria do rio, trouxe Guida para o gramado à beira do rio, próximo ao chalé onde passa o fim de semana. Encontramos Guida folheando vagarosamente um livro de poesias, sorvendo cada página, cada linha, cada palavra com enorme felicidade. Folheia, lê, sorri e por momentos seu olhar perde-se no curso das águas, contornando as pedras, ora com leves quedas, ora tranquilas no remanso.

O olhar parece perdido no vácuo, mas os pensamentos viajam como relâmpagos numa volta ao tempo. Em instantes se vê numa sala movimentada com conversas confusas que ela, com seus 4 anos não consegue entender. Procura pela mãe, não encontra. Guida é a quinta dos irmãos com diferença de aproximadamente 2 anos entre eles. O pai, já falecido antes de seu nascimento. Guida nunca entendeu qual o lugar que esse pai ocupou na sua vida e se ocupou algum. Encontra os irmãos acuados na cozinha e pessoas estranhas, conversando assuntos estranhos: "O que faremos com essa menina? Tão pequena! Coitadinha!". "E os meninos!?" A tenra idade de Guida não lhe permite mensurar a dimensão do medo que tornaria sua companhia a

partir daquele momento. Está órfã. Guida é levada para a casa da Dona Gena e Seu Bento. Não é parente. Não se lembra tê-los visto antes, também, pudera. Os meninos, juntos, são levados para o sítio de outra família em outra cidade. Até hoje Guida não compreende aquelas relações, nem pergunta o porquê disso ou daquilo, tem medo das respostas mostrarem uma realidade ainda mais dura do que aquela criada em sua fantasia.

Guida cresce se achando nascida do ovo. Sem referência, sem história de família, sem saber de onde veio, sem identidade. Criança inteligente. Quando entrou no primeiro ano da escola já sabia contar, aprendeu somando a caderneta do armazém naquele tempo em que as compras eram anotadas para pagamento no fim do mês. Boa aluna, ávida por leitura, quer aprender para ler histórias. Muito brigona, os castigos na escola são constantes, desde cópias extensas, ficar sem recreio, até horas intermináveis de frente para a parede, consequência por viver aos tapas com os meninos por conta de implicância com sua aparência mal arrumada, magra e feia. É preciso se armar de coragem e cuidar de sua própria integridade física e, se necessário for, arrancar quantos cabelos couber entre seus dedos para se defender. A gagueira é motivo de chacota na escola e na vizinhança durante toda sua infância, o que faz de Guida a adolescente retraída e envergonhada, seus dentes cariados foram arrancados também neste terrível tempo. O temperamento agressivo e rebelde esconde a sua fragilidade. Como sonha

com um irmão que a defendia dos ataques dos moleques, mas os irmãos estão longe, "onde mesmo?" Não sabe, nem nunca soube. Se houve momentos felizes? Sim. Quando o irmão Dito vinha visitá-la era invadida por grande alegria, ainda se lembra das brincadeiras de cavalinho. Poucas lembranças desse tempo.

Criança de saúde frágil, constantemente atacada pelos acessos de asma que resistiam a todas as garrafadas e simpatias das rezadeiras da vizinhança, nada livrava aquela menina mirrada dos acessos de tosse e quando foi atacada pela tosse coqueluche quase não resistiu, tossia até ficar quase inerte sentada no chão do quintal, tentando ganhar vida no calor do sol. Quase ninguém acreditou na resistência da pequena Guida quando parou de tossir "esta menina escapou por milagre Dona Gena! Precisa de uns fortificantes!" ouvia-se comentar as vizinhas. "Gena, precisa alimentar melhor essa menina, está muito magrinha" dizia a bisá Maria. E foi crescendo carregando as mazelas do corpo e da alma, sempre com o medo por companhia.

Guida lembra sua adolescência sofrida, intimamente conturbada, confundida com rebeldia, má criação, ingratião. Foi nesse tempo que ganhou a escrita por companhia e confidente, companheira fiel das horas chorosas, da solidão, do medo, da insegurança, todo esse turbilhão de sentimentos agravados pela partida dos Senhores Bento e Gena. Novamente órfã. Foi duro enfrentar a falta de família, de amigos, de chão, de teto, de tudo que um ser precisa para se sentir vivente. Guida procurou seu rumo, pôs o pé na estrada,

pediu carona, pediu abrigo... "Tia Carmem, posso morar com a senhora?" "Pode sim, minha filha, mas precisa trabalhar para ajudar. Só posso te oferecer comida e lugar para dormir". "Obrigada Tia!". Foi balconista de padaria, vendedora de loja, auxiliar de escritório, cuidadora de idosos... "Posso morar com a senhora?". "Preciso estudar". Pensa e procura meios de agir. Dias de trabalho. Noites de estudos. Mais dias de trabalho e noites de estudo até se formar. Professora. Os pés estavam sempre doídos de andar a pé, os sapatos velhos, a roupa sempre contra a estação. Derramava em versos, suas lágrimas no papel de pão. Ora em verso, ora em prosa, ora em longas ladainhas. Um sofrimento sem igual. Um medo constante do futuro tomava suas entranhas de uma maneira descomunal. A luta era constante para manter-se de pé. Tudo chegava tarde em sua triste vida.

Muito tempo e muito trabalho para ter um canto só seu, onde pudesse descansar dos longos dias de trabalho, sempre acompanhada pelo medo da falta de teto. Era tudo escasso, tudo à conta e faltando. Faltando para as contas, faltando para roupas e sapatos, faltando para tudo. Precisa estudar. Dias de trabalho. Fins de semana de estudos. E os anos foram empurrando Guida nos caminhos pedregosos da existência. Só os escritos continuavam ricos, extravasando livremente de seus pensamentos cada vez mais generosos e encorpados. O amor? O amor não chegou. Não achou espaço. Não achou tempo. O amor ficou impregnado, frustrado, sonhado, vivido nas inúmeras páginas escritas com tristeza e

desalento. Escritos ora guardados, ora descartados. Guida sentia-se como perdida da tribo em alguma existência passada. Cachorro caído da mudança. Sentia uma estranha ânsia de chegar a algum lugar, mas que lugar? Vontade de voltar? Guida não tinha para onde voltar, não tinha chão, não tinha raízes, só a necessidade de seguir, para onde, também não sabia, mas tinha que seguir. A cada mudança de trabalho o medo batia forte. O medo de não conseguir se sustentar. O medo da mendicância, da violência urbana. Um medo impregnado na pele e na mente. Até que vieram tempos de situações mais seguras, mas nada levava o horrendo medo do futuro, como se o sujeito ficasse ali, à espreita, pronto para dar o bote.

Guida guardava na caixa dourada seus escritos, como segredos confessos. E quando os dias se mostravam mais nebulosos, ela relia os seus escritos e pensava "já houve dias piores", jogava um tanto de todo aquele sofrimento no lixo e reescrevia sua história a cada dia com novas cores, novas rimas, novos versos. Colocava sua melhor face e ia à luta. Guida foi descobrindo com as dificuldades do caminho que mais importante que correr atrás dos sonhos é abraçar com carinho e gratidão, acordada, todas as oportunidades de aprendizado que lhe eram oferecidas, enfrentou todos os desafios com coragem e determinação. Foi catando todas as pedras do caminho, aprendendo com cada uma delas, guardando-as com carinho, na esperança de um dia construir seu tão almejado castelo.

Conseguiu vencer a asma, embora tenha

surgido outros problemas com a idade, outros tantos problemas se agravado, afinal já está com o pé na terceira idade. Pode não ter realizado seus sonhos, se é que um dia os teve. Sente que está próxima de encontrar a sua tribo, seu chão, seu lugar seguro, talvez em outro plano. Os medos continuam como companhia, mas como boa aprendiz, permite, pois são esses medos que a impelem a seguir, que não a deixam desistir. Para Guida, o maior medo é perder a fé na capacidade de seguir em frente e fazer projetos mesmo sem a pretensão de que se concretizarão. Importante é se sentir dona de si "ir em frente, mulher! Coragem não lhe falta! Há muito por vir".

Hoje, ali, tranquila, volta seu olhar nos pés calejados, sentada na beira do rio, folheando seu primeiro livro publicado com seus escritos que durante tantos anos foram seus companheiros, confidentes, o seu extravasar de sentimentos, Guida sente uma íntima satisfação de como vem vencendo os desafios de sua jornada. Mulher guerreira.

"Guida Querida! Os convidados estão aguardando ansiosos pelo sarau e seus autógrafos!"

Guida canta, recita seus poemas. Encanta e encanta-se com o mágico momento, certa de que toda luta vale a pena.

DOCES LEMBRANÇAS

Fátima Soriano

Debrucei na janela do meu apartamento (apartamento, melhor dizendo), e me deparei com uma vista bonita. Uma leve brisa me batia na face. As andorinhas faziam festa no céu, o canto do bem-te-vi e de tantos outros pássaros dos quais desconheço o nome, pairavam no ar fazendo parte desse lindo cenário. Vi coqueiros, árvores verdes, prédios da Pajuçara, casa... e, de repente, meu olhar se debruçou no Colégio Professor Benedito de Moraes, da qual estudei desde meus doze anos até concluir o ensino médio (antigo científico).

Meus pensamentos viajaram em um passado distante, recordando minha adolescência. Que tempo lindo! Nossa casa da Pajuçara, localizada na Rua Jangadeiros Alagoanos, 1128, parecia um castelo de primeiro andar... Quem via uma casa tão bonita, pensava que éramos ricos. Nem podia imaginar a maratona que meu pai fazia para colocar tanta comida na mesa. Somos quatorze irmãos, de fato que, naquela época, já havia alguns casados, mas a turminha de crianças e adolescentes ainda era grande.

Minha mãe, sempre na corrida com os afazeres domésticos, pois não parava secretária devido a casa ser muito grande e além de muitos filhos, ainda chegavam os netos. Era uma danação só! Mesmo assim, minha mãe cuidava de

cada um de nós com devoção, sabedoria e paciência. Era rígida, quando necessário, mas sempre dedicada a todos.

Meu pai, naquela cadeirinha de balanço, com uma das pernas sobre o braço da cadeira, tirava uma soneca... ficava vermelho quando lhe surpreendia com um beijo nos seus cabelos brancos... de quando em quando, cantava música de ninar com um dos netos no colo, para aliviar a barra da minha mãe. Eles adoravam me ouvir ao piano, principalmente quando eu tocava "Fascinação", "E o destino desfolhou" e "Sobre as ondas". Como éramos felizes!... Era uma vida simples, sem luxo, mas éramos felizes! Tínhamos o essencial.

Lembro-me que eu estudava sempre com um sobrinho no colo tentando pegar o meu livro. Andréa, minha irmã caçula, até aos quatro anos achava que eu era sua babá, e era mesmo! E quando ficavam: Clarinha, Paulinha e Taninha, minhas sobrinhas, as três aprontavam sempre com o comando de Clarinha, o raio. Esse trio além de subir no telhado, já tocaram fogo até no mosquiteiro... dá pra imaginar?!...

Meu olhar continua debruçado no Colégio do Estado onde estudei e meus pensamentos pairavam no tempo... no vento... como um filme na minha mente, nas minhas lembranças... Era Colégio do Estado, mas naquela época, não havia greve e os professores ficavam registrados na memória.

Muitas vezes, meu pai não tinha condições de comprar todos os livros. Naquela época não era gratuito, eu tinha que pedir emprestado na sala

vizinha para não perder nota. Minha farda era aproveitada de um ano para o outro, até que o tecido se desgastasse. Às vezes, cansada de uma tarde de aula e da caminhada que eu dava até em casa, chegava faminta... mas, apesar das dificuldades, nunca faltou uma mesa farta.

O cuscuz fofinho que meu pai fazia e que chamava de "Napoleão" porque era grande e parecido com o chapéu de Napoleão, (eita cuscuz bom, fofinho e gostoso!!!), era um prato que não podia faltar em nossa mesa, era de praxe.

Além do cuscuz, tinha batata doce que meu pai chamava de "batata peidona", ou sopa, inhame ou macaxeira, mas o cuscuz não podia faltar. Dá pra imaginar o tamanho do saco do pão? E da leiteira enorme cheia de leite? Um cafezinho passado na hora... dá até para sentir o cheiro! Ah! Quanta saudade!

Meus pensamentos continuam voando no tempo e nessa trajetória me deparo já no segundo grau. Conheci Georges, meu esposo. Casamos em seguida. São anos de convivência.... de altos e baixos... tantas coisas se passaram!... Meus pensamentos terminam o percurso dessa viagem ao passado fazendo pouso no presente.

Hoje, não estou mais naquele casarão da Pajuçara, mas no meu singelo apartamento de pouco mais de 45m². Me vejo fazendo também a mesma maratona que meus pais faziam para não faltar comida na mesa, juntamente com o meu marido, lutamos em busca pela sobrevivência e ainda damos uma forcinha com os netos.

A vida é mesmo uma grande busca, uma

eterna maratona. Peçamos a Deus paciência e perseverança para sairmos vencedores. Espero que um dia, meus filhos e meus netos possam sentir também saudades de sua infância, sua adolescência... pois ficam registradas em nossa memória, e que suas lembranças sejam também "doces recordações" nessa viagem de volta ao tempo.

Portanto, quando eu não estiver mais nessa dimensão, que eu possa ser "lembrança viva". Não deixarei riquezas materiais, mas o legado de amor, humildade, perseverança e fé. Que possamos aproveitar cada lição nessa grande faculdade chamada "vida".

DO LADO DE DENTRO DAS GRADES

Giuliana Fletcher

Acordei com a esperança de ter sido só um pesadelo, até o momento em que olhei nos olhos de vidro que fizeram os meus olhos sensíveis sangrarem, tudo veio à mente e me deixou tonta a ponto de explodir um pouco da sanidade que ainda restou por aqui. E quando se vive numa gaiola, todo o mínimo de sanidade tem sua importância elevada ao extremo.

Ele passou no mesmo horário para ver como eu estava, falou meu nome com firmeza - como se me levasse a sério - depois afinou o tom e de forma reconfortante me ofereceu alimento, mas o meu estômago enjoado estava intolerante a qualquer coisa que viesse dele. E esse seria apenas mais um dos dias em que ele age como se alguma liberdade me alcançasse a ponto de eu poder escolher qualquer um dos meus atos. Ele passa por aqui, me dá bom dia, deixa um copo d'água e também deixa a minha gaiola limpinha. Ele deixa de tudo, menos algum resquício de alegria... Aliás, há tempos eu nem lembro o que isso significa, já que ele tirou isso de mim e separou meus sentimentos do meu sentir, colocando qualquer palpitação alegre ou dolorosa do outro lado da cerca, isso porque ele mesmo já me disse que odeia a minha capacidade de sentir demais. Ele está tentando sufocar lentamente minha sensibilidade, enquanto finge que desperta

minha parte boa puxando minhas cordas, já que notavelmente eu nem mesmo tenho forças para mover um dedo. E mesmo assim toda noite, eu tento fugir enquanto ele dorme, é quando os olhos dele pregam fora do meu mundo que eu tento fugir para resgatar um pouco de vontade de permanecer viva, porque ele espera mesmo é que algum dia eu seja tão dele, que morra na verdade de ser minha.

O sentido literal não existe nesse meu modo de viver como um pássaro, não me entenda mal, mas mesmo assim me compreenda. Eu devia estar por aí solta, cheirando flores, batendo minhas asas bem alto e me alimentando de alguma coisa que me desse um pouco sentido para esta vida. E de qual vida eu estou falando? Sinto como se fizessem milhões de anos que eu inocentemente fui caminhando como se estivesse com vendas tampando os meus olhos e sorrisos incontroláveis me enganando, me persuadindo. Até que depois de muito fazer planos e flutuar em sonhos, acordei no pesadelo, foi quando percebi que ele me prendeu, e a chave... Ela deve estar em algum lugar dentro de mim, em algum lugar onde meu engano se destrava e onde possivelmente serei capaz de me destrancar.

MULHER: EM SUA GRANDEZA, A LIBERDADE

Gorete Pinheiro

A humanidade em seus primórdios apropriou-se da mitologia como literatura oral representativa das crenças, do sobrenatural e da cultura. Dessa forma, o princípio feminino foi compreendido como potestade² máxima, Deusa personificada pela Terra, a Grande Mãe com seu potencial de fertilidade, capacidade de prover a natureza e de ser fonte de saúde e de abundância. Em conexão com essa reverência à divindade feminina, assegura-se a coexistência de uma sociedade matriarcal.

O surgimento da cultura de guerra, lutas pela sobrevivência e disputas materiais são transformações que introduziram a hegemonia masculina, sustentando um duradouro modelo patriarcal, culminando com o domínio sobre as mulheres, restrições de seus direitos e limitação do seu espaço.

Nos tempos contemporâneos, a atuação feminina vai além da geração da vida! A mulher batalha pelos seus direitos. Vai à luta cotidiana, vai às universidades. Vai aos negócios, vai à política. Vai à Ciência e enriquece o mundo das Artes. Mulher, um ser versátil, holístico!

O que há de libertador diante das conquistas femininas tem sido também motivo de luta e de

² Poder supremo. Divindade.

inquietação, pois mediante a predominância de uma cultura machista e preconceituosa, observa-se o nítido crescimento da violência contra a mulher.

A humanidade, entretanto, é a representação de um todo que presume a coexistência do masculino e do feminino. Sem dominação!

A natureza traz em si a integração entre os sexos: igualdade entre homem e mulher, no esteio da equidade.

A voz da ancestralidade:

Mulher! Grande Mãe... Fertilidade! Proteção!
Natureza! Divindade...

A voz da contemporaneidade:

Mulher! Mãe, proteção, trabalho! Direitos,
respeito, vida!
Liberdade...

FERA FERIDA

Izadora Carvalho Laner

Animal arisco. Foi assim que a solidão se apresentou a mim: acuada, na defensiva. Assustada pela sombra de violência que me acompanhava, atada ao meu calcanhar como grilhões. Sou fera ferida pelas flechas atiradas contra minha essência; alvo fácil. Presa indefesa cambaleando ao ritmo da dança da solidão.

Quando eu penso no futuro, não esqueço meu passado assombroso, a uivar como o vento na janela. "Já não sei como expressar que eu não encontrei saída..." Canta Silva, nos fones. Eu até tentei expressar, embargada em lágrimas, o quanto a sua versão de amor me doía.

Acordava no meio da noite com o grito da esperança ricocheteando como chuva e trovão no telhado de zinco. Eu supliquei ao vento "me leva embora", mas ele me fez engolir a tempestade - tinha gosto do beijo seu.

Já sofri demais, mas segurei a dor como quem segura carvão em brasa na palma da mão - queimando o pouco de pele que sobrou do martírio. Você aperta meu pescoço com tanto fervor, quer roubar o ar que me resta, como se já não tivesse levado tudo o que sobrou de mim.

ESTEFÂNIA

Jackeline Monteiro

1996, noite fria, agitada, mas não atípica, na zona oeste de Manaus morava a Estefânia, mulher preta, cabelos cacheados, mulher linda, 33 anos de idade, casada, mãe de três crianças, natural do município de Carauari.

Ainda muito jovem saiu da casa de seus pais para buscar uma vida melhor na capital do Amazonas. Morou de favor em diferentes casas até conhecer seu esposo, Jorge. Um homem que saiu do município de Itacoatiara e foi para a capital do Amazonas também em busca de melhorias financeiras, conheceu Estefânia, começou um namoro e em 1981 passaram a morar juntos.

Estefânia era muito bonita e chamava a atenção por todos os lugares que passava, Jorge era um homem muito ciumento, machista, opressor, características reveladas quando ingeria bebidas alcoólicas, mas Estefânia acreditava que Jorge poderia mudar. Em 1986, tiveram seu primeiro filho, dois anos depois a segunda filha e passados mais dois anos, mais uma menina.

Estefânia sempre trabalhou e mesmo depois que passou a viver com seu esposo Jorge, ainda trabalhava, mas Jorge não queria que ela trabalhasse, sempre dizia que tinha que ficar em casa cuidando das crianças, que alguém precisava ficar em casa para fazer a comida e cuidar da casa e que isso era papel da mulher.

— Jorge está certo! Agora que tenho uma família, eu preciso ficar em casa, vou ter mais

tempo, eu poderia começar a estudar, acho que Jorge vai entender, vou falar com ele.

— Oi, Jorge! Eu estava pensando que agora que não vou mais trabalhar, eu posso estudar, o que você acha?

— Eu acho melhor agora não, nossas crianças ainda são muito pequenas, disse Jorge.

— Tudo bem, você está certo!

Quando sua filha caçula completou seis anos de idade, Estefânia resolveu se matricular em uma escola.

— Olá, eu moro aqui pertinho e gostaria de me matricular nessa escola.

— Bom dia, me chamo Jefferson e vou fazer o seu atendimento, qual sua idade dona Estefânia?

— Eu tenho 33 anos

— A senhora já frequentou alguma escola? Me perdoe pela pergunta, mas senhora sabe ler?

— Essa é a primeira vez que me matriculo em uma escola, sei ler um pouco.

— Certo! Vou lhe colocar em uma turma de supletivo para a senhora já começar na segunda etapa e conseguir terminar sem muita demora, a senhora já pode começar na segunda-feira à noite, é uma turma que já está em curso, mas a senhora consegue acompanhar sem problema.

Estefânia estava muito contente e ansiosa para contar ao esposo que tinha conseguido uma vaga na escola.

— Você já chegou do trabalho, Jorge? Não sabia que iria chegar cedo hoje.

— Claro, Estefânia! E aonde você estava? Cadê minha comida?

— Eu não sabia que você chegaria cedo do trabalho, mas eu tenho uma novidade, vou começar a estudar na segunda-feira à noite.

— Como é que é? Como assim estudar? Você não falou nada comigo, eu não te autorizei.

— Eu não preciso da sua autorização, eu falei para você que faz anos que eu gostaria de estudar e agora eu vou estudar.

— Você quer bem se encontrar com macho por aí né? Seu lugar é em casa com as crianças, fazer minha comida e nada mais.

— Pois eu vou começar a estudar e você não vai me impedir.

Estefânia estava muito feliz porque estudar era tudo o que ela mais queria na vida. As primeiras semanas foram incríveis, tinha uma professora e colegas que a ajudavam muito.

Em uma noite agitada, aparentemente normal, Jorge estava alcoolizado, ele nunca bateu fisicamente em sua esposa, mas quebrava os móveis dentro de casa, gritava com Estefânia e com as crianças. Estefânia acabara de sair da aula e foi para a sua casa com alguns colegas, quando avista de longe uma luz parecida com fogo vindo da direção de sua casa, ela corre e quando percebe, seu esposo havia feito uma fogueira em frente a sua casa e colocou todos os seus livros e cadernos na fogueira e estava gritando: “Quem manda nessa casa sou eu!”

Estefânia ficou paralisada com aquela cena, sua filha caçula chorava muito na porta de sua casa, Estefânia sabia que não poderia continuar assim.

Estefânia (olhando para o fogo e pensando) –

eu preciso tomar uma decisão, mas não tenho para onde ir, não trabalho, não tenho nada.

Estefânia entrou em sua casa e ignorou o que estava acontecendo. Os vizinhos, olhando aquela cena, mas ela não ligou, esperou seu marido dormir e ficar sóbrio.

— Acorda, Jorge! Quero que você vá embora da minha casa, agora!

— Essa casa também é minha! Você está louca?!

— Agora não é mais, cansei das brigas, das humilhações, eu não dependo de você, eu sempre trabalhei durante toda a minha vida. Você teve várias chances de mudar, mas não aproveitou, agora quero que você vá embora e se você tentar se aproximar de mim, você será preso, porque vou lhe denunciar .

— Você não pode fazer isso, pensa nas crianças, elas precisam de mim, você depende de mim, disse Jorge.

— Eu não dependo de você, você deveria ter pensado nas crianças antes de fingir demência, arrume suas coisas e vá embora!

Jorge foi embora, tentou voltar várias vezes prometendo mudança, mas Estefânia permaneceu firme. Ela arrumou um trabalho, terminou de construir sua casa, deu prioridade para seus filhos.

Oito anos depois voltou a estudar, terminou o ensino médio, fez um curso técnico de gastronomia e montou um buffet que era uma área que ela sempre amou, oportunizando empregos para mulheres que passaram por situação semelhante à sua.

ESSÊNCIA

Jasmim Valente Rodrigues

A mão que desfere um tapa,
Também pode oferecer ajuda.
Num momento qualquer
A intenção pode mudar.
O amor é maior que as diferenças
E todas nós temos uma essência
Que está em todas e cada uma de nós,
Algo que já nasce conosco.
Os outros, vendo ou não,
Mas está lá, despontando
Como um botão de flor a desabrochar.
Ser mulher é vivência, é amor,
É cuidado com a outra,
É bem querer e
Transformação no dia a dia.
Crescer, é ser Mulher.

EU NÃO TIVE ONDE CHORAR...

Jéssica Cristina da Silva (Jessicat)

Aos 10 anos a vida de uma menina é colorida, mágica e encantadora.

Aos 12 as mudanças começam a acontecer no corpo, na mente e na maneira de se olhar as circunstâncias.

Na adolescência, junto às mudanças significativas, o mundo vai perdendo um pouco a cor, vai se tornando meio cinza.

Os questionamentos e crises existenciais começam a ganhar espaço e peso dentro dela.

Dores negligenciadas começam a tomar forma, junto às curvas até então despercebidas.

Num primeiro momento, nenhuma menina se vê mulher.

Mas os olhos à sua volta estão atentos e curiosos.

As mudanças para ela são quase imperceptíveis.

Até que numa certa semana em meio ao caos, o choro e o riso: ela sangra.

Pronto, tornou-se mulher.

Sem aviso prévio, sem manual, sem muitas explicações.

Aos 15 anos periodicamente, seu corpo e seu humor mudam.

Seu corpo de menina/mulher passa a ser desejado, sexualizado. E ela segue sem entender o porquê de tamanho constrangimento com os

olhares e palavras proferidos contra ela.

Aí ela descobre que isso tem nome: assédio.

Certa noite, pela primeira vez, seu corpo foi tocado... de forma brusca, indevida, sem consentimento...

Não houve um só grito, só lágrimas mudas, desespero e dor...

Ininterrumpidamente em noites frias, escuras e vazias os episódios se repetem.

Sem ter onde chorar e com quem contar (ninguém acreditaria se ela contasse).

Ela criou sua verdade, o seu escape: Foram só pesadelos! Vai passar... Só que a dor e a neurose não passam, mas a vida segue.

Aos 20 anos, ao se levantar pela manhã e perceber que o seu mundo não tinha brilho, apesar do sol radiante lá fora....

Ao se voltar para o espelho, resolveu pela primeira vez, falar em voz alta:

“Eu fui violentada inúmeras vezes e de diferentes formas.

Eu me sinto culpada e suja desde então.

Não quero continuar me sentindo um lixo. Preciso de ajuda”

E assim começou o seu processo de cura... buscando ajuda.

Aos 31 anos, ela almeja que outras pessoas encontrem onde chorar à vontade.

Que seu ombro e sua história se tornem este lugar, que eles sejam aconchego e abrigo para quem precisa.

FELIZ DIA DOS NAMORADOS

Juliana de Souza Gonçalves

Era 12 de junho de 2020.

Mais um dia dos namorados em que eu estava sozinha, passando pelas inúmeras propagandas de presentes, restaurantes e casais apaixonados no meu feed.

Ao invés de ignorar meus sentimentos, passei a refletir sobre o que tudo isso significava para mim, que estava solteira há cinco anos, depois de um noivado à *la princesa*.

Eis que voltei para a minha infância, onde fui ensinada a ser uma princesa:

"Senta direito, menina".

"Você precisa estar magra, ou ninguém vai querer casar com você".

"Não fale palavrões".

"Uma boa moça, sabe cozinhar e cuidar da casa".

Definitivamente, passei a adolescência toda acreditando na Disney, que o príncipe viria me salvar destes comentários e seríamos felizes para sempre.

Não demorou muito, o príncipe chegou e aos 21 anos eu estava noiva, e a pressão não foi embora como eu imaginava, ela só aumentava. Então, eu errei em insistir que deveria ficar com o príncipe, pois a princesa deveria sacrificar seus sentimentos. Mas foi na dor que eu finalmente entendi que eu tinha sonhos que independiam de

um relacionamento, e que ser princesa sobre esses termos era uma prisão sufocante.

Depois de anos sozinha, errando e aprendendo com a vida, eu mudei minha concepção de amor.

Aprendi que pupila dilatada, coração acelerado e frio na barriga podem ser mais sinais de perigo do que sinais de amor; que amor bom mesmo é aquele que acalma sua respiração e traz sensação de confiança.

Para o dia dos namorados, eu desejo menos fotos, menos presentes e alianças; mais olho no olho, abraços apertados, encontros inesperados e corações que se alimentam.

AUTOBIOGRAFIA À LUZ DO PATRIARCADO, IREMOS MUDAR O QUADRO!

Karolaine Mendes (Kms)

Nasci às 19h15min da noite no dia 28 de março de 2001 em uma quarta-feira. Minha mãe, logo após o trabalho de parto, deu início a uma hemorragia e foi socorrida, depois do médico chamar a atenção da equipe de enfermagem. Presumo que esta seja uma demonstração de alguns dos sofrimentos que, como mulheres, podemos vir a enfrentar.

Passados dois anos e meio do meu nascimento, adquiri uma pneumonia, a qual estava sendo tratada como uma gripe há mais de um mês. Neste período, passei vinte e três dias internada ao lado da minha mãe. Durante a noite, ela não pregava os olhos.

No decorrer de boa parte de minha infância ela possuía extrema proteção comigo. Creio, que devido aos traumas de se ver diante da possibilidade de perder uma filha. Aos 5 anos, iniciei a pré-escola. Contudo, eu era uma criança muito retraída. Em boa parte do tempo, brincava sozinha.

Dentro de casa e ao lado dos meus avós, sentia-me livre para brincar, conversar e explorar o mundo ao meu redor. Recordo-me, porém, da primeira vez em que senti o peso de ter nascido menina. Um dia, no qual retornava no ponto de

ônibus, correndo em direção ao meu avô para abraçá-lo, fiquei sabendo que um homem havia dito a meu pai que uma menina "decente" não pulava no colo do avô.

Resumidamente, considerei ridícula tal atitude. No dia seguinte, lembro-me de ter mostrado a língua para esse homem, cuja maldade conseguia ver algo ruim em uma criança, por abraçar o avô. Daí em diante, resolvi seguir em frente.

Do ensino fundamental, trago a memória de alguns dizeres das professoras, sobretudo em relação às minhas brincadeiras com carrinhos, espadas, e principalmente, com os meninos. Absolutamente, não me incomodava brincar com os meninos, todavia, para muitos desses docentes, parecia ser algo inconcebível.

Já pré-adolescente, comecei a sentir as cobranças que a sociedade patriarcal impõe sobre as mulheres. se acaso você não tivesse cabelos lisos e roupas boas, era considerada desleixada, ou no meu caso, sofri bullying, devido aos meus cabelos volumosos. O absurdo é que o bullying foi instituído por outras meninas. Tal fato demonstra o quanto somos levadas a nos cobrar certos comportamentos, gestos e atitudes mutuamente.

Naquele momento, não consegui lidar bem com os apelidos e, por vezes, pedia à minha irmã para fazer chapinha no meu cabelo. Em outros momentos mais drásticos, cheguei ao cúmulo de ficar um mês sem comer. Desta forma, pensava: se não poderia mudar características como meu cabelo e não tinha condições de comprar roupas mais do que duas vezes no ano, ao menos

emagreceria. Aconteceu, porém, que ao notarem o meu emagrecimento súbito, meus pais levaram-me ao hospital, onde fui medicada com soros.

Pouco tempo após esse triste momento, perdi minha avó. Essa perda foi um choque para mim, uma vez que era muito apegada a ela. Nos últimos meses de sua vida, pousava em sua casa, observava-a dormir tão serenamente. Depois, decidi seguir em frente e prosseguir nos estudos.

Mudei-me quatro meses depois, para minha cidade natal, Cornélio Procópio, e logo após, retornei à cidade de Sertaneja, também no Estado do Paraná. Infelizmente, depois do falecimento da minha avó, fui afastada de tudo o que conhecia: amigos, escola... A vida tinha que seguir em frente.

A partir daí, descobri novos gostos. Comecei a gostar de maquiagem, de cores, e principalmente, de interagir com pessoas. Realizei um curso de Magistério no Colégio Cecília Meireles em Sertaneja, consegui um estágio, e posteriormente passei no vestibular.

As coisas pareciam estar no seu lugar. No entanto, com apenas duas semanas de aula presencial, surgiu a pandemia da Covid-19. Assim, tivemos que tentar nos adaptar a aulas não presenciais. Desse modo, realizei um ano de faculdade, contudo, devido à pressão e ansiedade do momento, ocorrências de mortes pela doença da covid-19, isolamento em casa e excesso de produtividade, tive que trancar a matrícula.

Assim, no momento estou feliz por ter concluído um ano na faculdade e na esperança de

poder estar ao lado de pessoas e finalmente, realizar um dos meus grandes sonhos: ser professora. Para mim, esta é uma das profissões mais nobres que existem, desde pequena, fui decidida neste caminho. Minha avó admirava meu esforço.

Possuo uma ligação muito forte com as mulheres da minha família, uma vez que admiro essas guerreiras. Gostaria de dedicar a minha história de vida, que só é possível a partir delas.

A Dilaura da Costa Mendes, a Graça do Espírito Santo;

A Ivone Aparecida de Carvalho Mendes, mãe protetora;

E também, aos meus entes queridos:

Francisco da Costa Mendes, a luz do Espírito Santo;

Luiz Carlos Mendes, pai amado.

Aos amigos, colegas, e especialmente a todas as vozes de mulheres que ecoam.

O VENDEDOR DA CORRENTE DE PRATA

Mara Dolores

Era o dia do nosso aniversário de casamento e como de costume presenteávamos um ao outro com uma jóia. Era tradição, sempre comprávamos na mesma joalheria e neste ano específico coincidentemente acabei indo lá no mesmo horário que ele e puder perceber que naquele ano eu ganharia uma corrente de prata. Ele não me viu, ainda bem... E a noite, fingi surpresa e recolhi meu presente. Foi mais um aniversário daqueles tantos que já haviam passado e mais uma jóia acumulada. Uma bela corrente de prata. Sempre adorei prata, ficava horas admirando aquele brilho cinza que era refletido quando batia qualquer espectro de luz.

Eu cheguei a sentir as rugas na minha testa chegando, eram três ao todo e eu odiava o número três, vivia em conflito com esses vincos que iam ficando mais profundos a cada dia. O tempo passando, os vincos aumentando e a vida se tornando cada dia mais difícil, infeliz, assim diria. Quando moça, meu sonho era chegar ao último dia da minha vida na certeza que tinha sido feliz, e então tive que tomar uma decisão. Uma que levei vinte anos para tomar.

Sinto-me deslocada de mim, como um fantasma, parece que minha forma física já não existe mais. E eu sinto que eu mesma também já não existo, foi tanto tempo me preocupando com o tempo, mais de sete mil dias contados, que eu

já nem sei mais quem eu sou. Mas não quero falar sobre mim, quero falar dele.

Tente imaginá-lo, parece trivial, mas sim, eu tive a paixão da minha vida. Ele agia de forma madura, era calmo, paciente e atencioso. Seus olhos castanhos brilhavam, havia uma profundidade e uma beleza naquele homem tão comum. A voz mansa e firme se fazia presente, havia uma singularidade que aquele olhar denso e profundo que fazia eu me sentir esperançosa com o passar dos dias.

Estivemos juntos durante uma vida inteira, sua mão forte segurava a minha, sua pele macia ia ficando mais bonita com o passar do tempo, seus pelos foram perdendo a cor aos poucos... Ele nunca soltou a minha mão, e ela nunca suou ou tremeu ao pegar na minha. Nunca houve um desentendimento daqueles que se resolvem com carícias e afagos, não houverem brigas por ciúmes, eu nunca tive motivos para tê-los. Não houve solidão e nunca tive que lidar com silêncios constrangedores, nunca saídas furtivas no meio da noite ou trabalho extra no final do expediente. Nunca houve nada... nada, nada... E eu me sentia uma impostora. Sentia-me culpada por ter a sensação de roubar uma vida inteira.

Faltava alguma coisa. Era como um quebra-cabeça daqueles de centenas de peças, às vezes uma peça não pertence aquele lugar, mas mesmo assim você tira, encaixa e força e ela serve. Mas você sabe, a sua consciência sabe que aquela peça não pertence aquele lugar e você fica mantendo aquele segredo que só você e aquela peça sabem que ali fora colocada e que ali não é o

seu local de pertencimento. E durante vinte longos anos eu procurava essa peça que estava no lugar que não deveria estar. Quando finalmente, num dia comum, sem surpresas consegui identificá-la.

A peça que faltava estava no olhar dele. E tudo começou com aquele brilho, que passados duzentos e quarenta meses que estávamos juntos eu nunca havia visto. Foi um misto de ansiedade, alegria, euforia e dor. Foi como levar um soco no estômago, ao ver aquele olhar, aquele olhar que durante duas décadas nunca havia aparecido, aqueles olhos castanhos brilhantes que apareceram e duraram apenas alguns segundos. A fisionomia havia mudado, toda a força, vigor e ímpeto que havia sido perdido nas últimas duas décadas haviam retornado, acumulados e multiplicados pelo maior número que os infinitos números podem oferecer, foi como visitar cada lugar do universo em apenas um segundo. Era uma força, maior que eu, maior que ele.

Era um olhar apaixonado. Um olhar de lascívia, de lubricidade, daqueles que abandonaria tudo e todos, a qualquer momento para manter aquele olhar intacto. Para manter aquele sentimento, aquela paixão. Imaginei que suas mãos, suaram frio pela primeira vez. Seu rosto estava corado, a voz parecia gaguejar, e seu corpo estava rígido e trêmulo. De longe eu sabia que havia chegado a hora da decisão, eu esperei mais de vinte anos por aquele olhar e ele veio... Alguns dias passados e eu nunca esqueci aqueles olhos. Era um olhar apaixonado...

E esse olhar apaixonado não estava olhando

para mim. E descobrir isso me fez encontrar a peça que estava no lugar errado no quebra-cabeça da nossa vida.

Peguei a corrente de prata, coloquei em uma bela embalagem de camurça e decidi que ia embora... E lá fui, com lágrimas nos olhos, de culpa e medo, mas também de muita felicidade peguei um papel velho e escrevi:

“João... Por favor, não gaste vinte anos da sua vida esperando um olhar apaixonado, não encaixe peças que não pertencem aos lugares para que a natureza as criou. Eu o amo completamente, desde da primeira vez que o vi. O amo tanto que chega a doer e dói. E está doendo, mas eu preciso fazer um último pedido... Por favor, fique com ele e entregue esta corrente ao meu marido, hoje a noite em nossa residência.”

E entreguei a corrente de prata ao mesmo moço que a vendeu para meu marido, o mesmo moço que pela única vez em vinte anos vi aquele olhar apaixonado ser direcionado. No dia do nosso vigésimo aniversário de casamento eu pude entender que a peça que estava encaixada no lugar errado era eu mesma. Pois, o vendedor da corrente de prata fez em alguns segundos o que eu não consegui fazer em vinte anos.

Dizem que o infinito está contido no inusitado segundo de liberdade plena, então eu voei, para a liberdade, me arremessei do alto na confiança que ninguém iria segurar as minhas mãos e sorri. E tudo escureceu e eu sumi.

MULHER DONA DE NADA OU DONA DE SI?

Maria Auxiliadora de Santana Silva

Mulher, antes tinha denominação de dona. Era a Dona fulana de Seu Sicrano.

Assim era a significação do seu nome. Todo valor da mulher estava no nome do homem.

O título de dona era bem minúsculo, pois só tinha valor atrelado ao seu dono, que era o pai ou o marido, o seu valor era bem másculo. Ligado à força física ou à palavra.

A sua força, mulher, se escondia como o sol ao entardecer em seu crepúsculo.

Não tinha luz própria, o seu nome se escondia na obscuridade masculina, pois a figura do homem era a centralidade patriarcalista.

Nela, o poder influenciador da mulher se escondia.

A mulher tinha DONO, isso é fato. E trazia as marcas do ferro masculino.

Na sinhá a marca era invisível, na "mulher" as marcas da queimadura na pele com as iniciais do Seu Senhor eram bem visíveis.

Assim, a mulher brasileira sendo Índia, branca ou negra..., embargou com tristeza e medo sua voz, engolindo o grito e o choro contido por séculos.

Era o choro do anonimato e da dor.

O grito da resistência ficou anos e anos entalado na garganta.

Veio o Regime Militar, que calou muitas vozes e a voz da Mulher embargou-se totalmente.

A Mulher dona se escondeu na pequenez machista do modelo patriarcal.

Mas, com o raiar da Carta Magna, o poder da mulher ficou legalizado. A força feminina surge com força de Lei.

Com luta e resistência, ressurgiu a *Mulher Donna*.

Mulher majestosa, onde a liberdade está garantida.

Iniciando a sua história, iniciando o seu grito de liberdade, livrando-se dos tormentos da mordaca causados pelos medos da tal revolução militar e do poder do homem tão secular.

A mulher idealizou e concretizou a sua liberdade.

A conquista escolar e profissional, ela superou com veemência!

Religião, economia, divisão de classes sociais e política, ela venceu!

A mulher debateu com os homens. Debateu com criticidade.

Conquistou espaços, conquistou o direito de escrever a sua história.

Sendo a mulher rica ou pobre, Índia, branca ou negra, casada, amancebada, prostituta ou solteira, católica, evangélica, espírita ou atea...

A mulher tornou-se Dona, saindo do seu esconderijo, conquistou espaços!

Assim várias responsabilidades, por pertencimento, assumiu sua verdadeira identidade. Sem precisar do nome de um homem, sendo ele seu pai ou marido.

A mulher firma o seu pertencimento e se transforma em dona com D maiúsculo.

Se despindo do preconceito de gênero ou de raça. Despindo-se do preconceituoso escrúpulo.

Mulher você é Dona?

É Dona de si,

É Dona das suas ações.

É Dona do seu nome.

É autora de todos os capítulos da sua magnífica história.

Traçando nova significação com novos significados.

Mulher você é Dona?

Sim, Dona da sua vida.

UMA MULHER, UMA GUERREIRA

Maria Veroni Martins (Teluade)

Uma mulher acorda cedinho todos os dias para preparar os quitutes que vai levar para vender na rua naquele dia. Para cada dia tem um cardápio de acordo com os pedidos de seus clientes. E ela cumpre cuidadosamente o cardápio para garantir a satisfação de seus clientes e o sucesso nas vendas diárias.

No cardápio tem: Tapioca com queijo, tapioca com ovo, tapioca com carne moída, cuscuz com carne moída, cuscuz com ovo, crepioca, panqueca. E tem até o dia do caldo. O melhor caldo da cidade dos três climas. Saboroso e irresistível.

Ela levanta pelas 4h da madrugada para dar tempo de arrumar tudo. Sai para as ruas pelas 7h e volta pelas 11h horas. Tem dias que vende tudo, outro dia sobra um pouco. Há os clientes de todos os dias e há os esporádicos. Há os clientes bons e há aqueles que gostam do fiado e esquecem o negociado. E ela anota tudo isto na cabeça.

Faça sol ou faça chuva ela segue a mesma rotina. Acorda com os galos e trabalha como formiga. Tem a marca das Marias, "a estranha mania de ter fé na vida"³.

Essas vendas diárias é o que mantém sua família. Assim, ela criou seus três filhos: Um

³ Trecho da música Maria, Maria de Milton Nascimento

menino e duas meninas. As duas filhas já estão formadas. Uma formou-se em nutrição e a outra em enfermagem. O menino ainda está na faculdade de psicologia.

A filha mais velha que se formou em nutrição, casou e já é mãe de dois meninos, que são o orgulho desta avó. É comum vê-la na volta do trabalho trazendo um presentinho para eles. A festa dos meninos é garantida e enche de alegria o coração daquela mulher tão guerreira.

Só deixa de seguir esta rotina quando é acometida por alguma doença que a impossibilita de movimentar-se. Ela tem problema de coluna e de vez em quando dá crise. Daí ela tem que parar por uns dias até recuperar-se. Há dias também de ansiedade, pressão alta. Mas, em poucos dias tudo volta ao normal.

O que faz esta mulher e tantas outras mulheres serem tão guerreiras?

Certamente, há em nós mulheres uma força invisível e divina que nos faz tornar possível o que nos impuseram como impossível. Temos a marca da rebeldia, da teimosia e da ousadia. Rebelamo-nos contra a sina imposta pelo patriarcado, teimamos em sonhar e fazer acontecer nossos sonhos e ousamos ocupar qualquer espaço, mesmo que digam que somos impedidas de adentrá-lo.

A ABERRAÇÃO

Marina Simões Koss

A cidade era uma imundice, a parte pobre. Havia um paredão de casas que ela via do metrô todas as manhãs para ir ao trabalho, eram as pessoas do sul que se amontoavam nas casas, mas cada uma em seu cubículo. Mulheres extremamente pobres, mas que curiosamente moravam sozinhas. A cidade, construída em volta desse paredão gigante, cinza e com casas sem muita largura, só a extensão que se avistava do vagão.

O número de mulheres era assustadoramente maior que o de homens, dizia-se que eram pelas mortes, que ali no paredão nenhuma delas era casada porque seus maridos eram mortos a facadas. Aquelas mulheres passavam o dia conversando entre as paredes finas das casas. Entre uma estação e outra, a bunda dela estava afundada no banco azul com rabiscos coloridos do metrô, sentada confortável, para seus olhos apreciarem de longe a desgraça das outras. Mas era mesmo uma desgraça? A mulher que ela via agora usava um pano branco na cabeça e um vestido longo azul, folgadíssimo, que deixava os peitos balançarem soltos como se fossem as folhas de outono deslizando no ar para cair. E eles caíram, estavam maravilhosamente caídos até antes do meio da barriga, livres a balançar dentro do vestido turquesa.

“Por favor, não se encostar nas portas...” dizia a voz feminina do metrô “... estação Flamby...” dizia de novo e ela prontamente se levantava e esperava a porta abrir carregando com as duas mãos para a frente sua pastinha marrom, escura e lustrosa. Ela descia com delicadeza das linhas tênues que separam o espaço de onde ela estava para onde ela pisava, no piso da estação. E um milhão de pés faziam o mesmo, apressados.

Muito pontual, com um relóginho minúsculo no pulso a ser checado a cada 7 minutos, é que ela diminuía a distância de onde estava, em cada passarela que passava, para chegar no prédio enorme e espelhado a ser chamado de seu trabalho. Cedo, com o cabelo molhado, penteado para trás e amarrado em um coque, ela entrava elegante na sua meia lua brilhante para se sentar e dar as mesmas informações, seguir os mesmos protocolos, todos os dias. Todos os dias a mesma coisa e todos os dias o mais do mesmo.

O paredão não era mais parte de seu pensamento, um jornal transparente e do tamanho um pouco menor que seu antebraço lhe era dado diariamente por uma senhorinha baixinha. Ela tocava suavemente a tela para as notícias lhe caírem em segundos, dali e do mundo. Todos os links, praticamente, com suas devidas criatividadeas, retratavam “A aberração”. A figura esverdeada a serpentear pelas ruas, que tinha cor de lagartixa, olhos de foto com flash no escuro, corpo de humano, língua grande e rosada e rastejar de réptil. Uns diziam do absurdo da veracidade dos fatos, outros tinham vídeos dos

moradores da zona norte que afirmam terem visto, uns trazem biólogos e outros profissionais a esclarecerem suas hipóteses.

Ela apenas passava o dedão, sem muita emoção, cada vez para mais baixo e sentindo-se descendo em um elevador de poço infinito de informações, hoje em específico o ascensor da *aberração*.

Papéis no mesmo lugar, grampos, ligações e pessoas com terninhos sofisticados, fazia as horas girarem até que a luz de lá fora, que ingressava clara, transformava-se na artificial, com a entrada da noite, dando boa.

Com metrô ela ia, com metrô ela voltava. O paredão tinha luz elétrica e as casas não mais exibiam suas paredes cinzas descascadas, só suas luzes de dentro, para deixar transparecer cada uma daquelas mulheres e algumas poucas crianças. Um cuidando da panela, outras no varal ou alguma senhora de vestido azul e touca branca a deitar e respaldar-se em sua vitória de viver sozinha, a sorrir sem dentes e gargalhar sem alegria.

Assim que ela chegou na sua ruazinha, que de paredão nada tinha, colocou a pasta no chão, tirou o sobretudo preto que vestia, desabotoou sua camisa branca, botão por botão, até o último que era o de sua calça de cor a combinar com o casaco, ah! e os sapatos, foi cada um jogado para um lado e o sutiã para o alto. Com a velocidade de uma cobra a dar o bote e com a cor de um abajur de lâmpada esverdeada que tem insetos voadores em volta, ela se arrastou no chão com sua língua rosa para fora, a entrar e sair dos

bueiros, a passar pelas casas da zona norte, a contorcer-se em silêncio.

Seja do Norte, seja do Sul, quando uma mulher encara a outra, mesmo que separadas por vidraças gélidas do metrô, elas se entendem. É o olhar que o corpo violado transmite, de preferir morar em paredões e ser chamada de assassina a louca varrida.

ÚLTIMA LÁGRIMA

Marluce de Paula

Reflico neste momento, tudo que passei. São quarenta anos dos quais tirei proveito, praticamente da prole que constituí. É noite, e no silêncio, bate uma solidão, uma angústia e mais uma vez a lágrima teimosa, talvez a última desse momento, rola. Pelo menos, é o que desejo. Busco o sono que não vem e busco respostas que não encontro.

Dediquei uma vida, pautada na verdade, na retidão, na fidelidade e recebi ingratidão. Tudo que passei é como um veneno que vai matando, aos poucos, toda a imagem positiva que eu tinha daquele me soube proporcionar tão bem, que soube me proporcionar, o doce salgado da traição. Meu coração lacrimeja sangue, meu corpo desfalecido treme. Estou partida por dentro. Sinto a traição como um punhal de prata, ferindo-me mortalmente.

É uma dor multiplicada que me traz, uma vontade de gritar, de urrar, mas a palavra falha. Sei que amanhã, o sol nascerá e eu maculada e triste serei um passarinho preso e livre, sóbria de mim, me entregarei a este novo tempo, em busca da minha felicidade.

TODAS AS CORES

Marta Mélo

A luz do sol poente inundava a parede esquerda do studio envolvida plenamente pelo solstício de dezembro e iluminava a aquarela concluída hoje, com tanto carinho, para sua amiga Rita.

Recordou-se como foi essa inspiração sagrada. A cor verde predominava entreabrindo seus sentidos, o verde tão esperança de tudo mudar e fazer melhor, - bem o jeito da Rita. E neste contexto, os pincéis com tinta bailaram e tomando consciência, ganharam vida e personalidades.

Para cada cor trabalhada eram criados adjetivos dessa força guerreira que compõe o universo instintivo feminino; ficava continuamente a imaginar quantas mulheres são pinturas de só uma noite; outras, mosaicos para toda uma vida. Às vezes, reflexo prateado do outro, e nunca se encontravam. Lilases, apagadas e frias. Vermelhas e endiabradas de tanto desejo, expandindo potencialmente seus corações. As pretas de raiva, explosivas sem qualquer motivo plausível, afetando toda a faceta de suas vidas. Estrelas fortes, brilhantes como ouro e divinas nesses corpos de luz cristalina.

Enquanto a obra ao longo das semanas ia dando existência, fluíam outras a cada pincelada, calmas como o azul do mar e boas parceiras.

Atrevidas em sarabanda com vinho na cabeça. Brancas na candura do olhar e feitas de paz. Caladas, cinzas com fragrância sem graça e serventes. Nem eram ruins nem boas, apenas com diferentes níveis de experiência e beleza.

A lua cheia nascia, nova luminosidade era projetada no ambiente, trazendo consigo uma compreensão clara de que existem fases em tudo, com a luz, entendeu os nuances e tons usados para assumir total controle das faculdades criativas de seu pensamento e sentimento na formação do “eu sou mulher” e ser um pouco de todas.

Mulheres feitas de muitas cores, mas principalmente de muitos amores, e isso importava. Via essas cores fazer a diferença nesse pintar do mundo.

Olhou novamente, e a partir do ponto onde se encontrava teve a certeza que o quadro seria bem um bom presente de aniversário.

PADRÕES DE BELEZA

Mary Pinheiro

1,80 cm de altura, magra, olhos verdes, cintura fina, quadril largo, peito e bunda fartos. Cabelos longos, loiros e lisos. Esse é o retrato imposto pela sociedade para uma mulher bonita. Sociedade impostora de um padrão que só existe no imaginário social, europeizado, idealizado pela indústria da beleza, aquela que quer lucrar a qualquer custo e que ano após ano está no topo das preferências, a que mais cresce no cenário econômico mundial. E às vezes se paga por ele um preço bem alto. Envolve autoaceitação e atitudes por vezes extremas no insano intuito de satisfazer a uma sociedade insaciável. Sim, insaciável, pois a moda muda de acordo com os interesses mercantis.

E a mulher brasileira, como ela é? Mulata de samba no pé e carnaval na veia. Sensualidade à flor da pele e que está sempre com um sorriso largo e um rebolado para satisfazer os olhares machistas que enxergam a mulher não poucas vezes, somente como objeto da sua satisfação, do seu desejo. A mulher brasileira é vista como aquela que traz consigo um gingado único e particular. Este é o retrato. Esta é a visão espalhada pelo mundo, da mulher brasileira, boa, gostosa. Sociedade hipócrita, consumista, idealista, machista.

O que é de fato uma mulher bonita? Como é,

de fato, a mulher brasileira?

Sim. Nós temos a nossa beleza única e particular, gingado e molejo próprios nossos, mas não queremos mais ser vistas somente por esse ângulo. A mulher brasileira é a que luta dia após dia há séculos, por dignidade. Que quer ser olhada como pessoa, dona das suas vontades e desejos, forte por não esmorecer na luta diária contra assédios morais e sexuais todos os dias. Somos e queremos ser reconhecidas pela nossa beleza nata, interior, indiscutível. Uma mulher bonita é muito mais que perna grossa, peito grande, cintura fina e quadril largo. Mulher bonita é aquela que traz consigo a sensibilidade e a força, próprias do gênero, que se aceita na configuração que Deus a fez.

O mundo, costume dizer, é um canteiro de jardim, no qual existem flores de diversos formatos, cores, tamanhos e aromas. Essa diversidade é o que torna um jardim completo, bonito e harmônico. Assim são as mulheres, flores do jardim da vida. Cada uma tem a sua beleza única e exclusiva e todas nós temos o direito de nos sentirmos belas dentro da nossa realidade.

Por que uma mulher negra, baixa ou cacheada não pode ser fonte de inspiração? Por que a beleza tem que ser imposição? Por que uma mulher gordinha não pode ter seu charme reconhecido? Por que nossas meninas precisam crescer dentro da caixinha previamente determinada pela sociedade? Por que nossas adolescentes precisam passar pela experiência da não aceitação e recorrer a métodos destrutivos para se acharem bonitas? Por que não se

incentiva as modelos tamanho G, GG, XGG, ou o tamanho que elas tenham? Por que precisamos ferir nossos couros cabeludos para garantir um liso extremo, quando nossos cachos naturais são tão lindos? Tão nossos? Por que precisamos ficar escravas de secadores e de chapinhas desde a adolescência, algumas bem antes e chegando à idade adulta ou à maturidade ainda não nos aceitamos? Por que o espelho tantas vezes é nosso pior inimigo? Onde, quando, porque nos perdemos de nós mesmas?

O mercado do consumo de produtos de beleza tem tornado muitas mulheres, reféns de um padrão de beleza que não cabe em si - por que este padrão simplesmente não lhes pertence - causando tantos problemas de ordem psicológica que necessitamos consumir outros tipos de profissionais para nos lembrar quem somos. Da baixa autoestima à depressão, de tudo se vê, na ânsia de caber numa fôrma que não é nossa. Bulimia, anorexia, gastos excessivos que vão desde academia à bariátrica, da lipoaspiração à retirada de costelas, procedimentos extremos em busca de adequação à beleza que, não se sabe quem, impôs como a única aceitável.

A mulher é bela por natureza. Por favor, deixe-nos ser como somos. Deixe-nos ser quem somos! Não insistam em fazer das nossas meninas, escravas de padrões sociais hipócritas, como a minha geração se tornou. Não é justo para com elas. Mulher baixinha tem sua beleza. Mulher negra, tem sua beleza, mulher cacheada tem sua beleza. Mulher gorda tem a sua beleza.

Mulheres, voltem-se para a sua essência!

Aquela tão pura e tão perfeita como o criador fez. Entrem em conexão com seu ser feminino e ultrapassem a linha que lhes impuseram. Reajam a tudo isso.

Não podemos confundir o amor próprio com o abandono, não é isso. A mulher precisa se sentir bonita, ser vaidosa, cheirosa e amada. Mas isso não significa que para alcançarmos esse patamar, precisemos nos entregar de cabeça a todas as ondas lançadas pela sociedade. Façamos as pazes com o espelho, conosco mesmas, com nosso eu e com certeza seremos muito mais resolvidas, empoderadas e auto amadas e conseqüentemente, seremos capazes de formar gerações mais maduras e conscientes de si e das armadilhas sutis que nos aparecem como a solução milagrosa, mas que tantas vezes mais nos autodestroem que nos constroem.

Ah, e a ideia de que a mulher brasileira é somente peito e bunda é uma caricatura que precisa cair por terra. Não queremos mais ser reconhecidas por isso, mas sim, pela nossa garra, luta e determinação, aquela que nos acompanha desde o nascimento e nos torna tão fortes a ponto de muitas vezes superar traumas deixados pelo machismo estrutural, fruto de uma sociedade paternalista. Sim. A mulher brasileira é muito mais que isso. A luta é sua marca. Acordar cedo, enfrentar o dia no trabalho para cuidar da família, muitas vezes abandonada por seu companheiro ou sendo a chefe da família. Digna. Digna. Digna!

Não aceitamos mais sermos vistas como o sexo frágil quando trabalhamos três turnos e ainda muitas vezes cuidamos dos filhos e dos

afazeres domésticos. O cansaço muitas vezes nos encontra, sabe? Não somos fortes o tempo todo. Também somos frágeis. Também choramos. Sentimentos afloram com muita facilidade, mas seguramos firmes e seguimos a vida. Não estamos aqui pedindo clemência, estamos pedindo respeito! Não estamos nos vitimizamos. Estamos nos redescobrimos e por isso mesmo exigimos que nossas vozes sejam ouvidas. A divisão do trabalho, o respeito pela pessoa, a luta por igualdade, direitos, dignidade. Essa é nossa pauta desde aquelas mulheres que covardemente foram mortas naquela fábrica. Elas lutaram e morreram por nós, mulheres de hoje que honramos sua memória e continuamos firmes na mesma luta, no mesmo sonho, no mesmo desejo.

Ah, o padrão de beleza que a mulher brasileira deseja é o do respeito, da justiça e da igualdade. O padrão da punição dos abusadores, dos espancadores, dos que destroem sua inocência na infância, seus sonhos na juventude e sua esperança em todas as idades.

Buscamos a beleza da aceitação da individualidade feminina. Assim o mundo terá um padrão de beleza singular onde todas as mulheres, brasileiras ou não, poderão desfilarem na passarela da vida de cabeça erguida, aceitando sua condição e sendo felizes.

Tenho dito.

REVESES

Maura Luza Frazão

Sempre optei por viver, não apenas em existir. E diante das adversidades, quase sempre consegui me sobressair, quando, à frente de alguns obstáculos, me sentia impulsionada a buscar melhores respostas, estudar as situações que se apresentavam com toda a garra e coragem.

Em alguns momentos da vida, sentia que ia fraquejar, mais algo dentro de mim se rebelava e me dizia: *siga em frente, você é mais forte e a tua resiliência apontará a melhor decisão a ser tomada.*

Assim, cada tropeço em meu caminho acabava sempre me deixando mais forte, me impulsionando para a frente e me apontando novas possibilidades. Com isso, em situações de conflito e adversidades, minha perseverança falava mais alto, e melhores resultados eu atingia.

Sempre me divertindo com prazer e alegria, reconstruindo meu caminho com as pedrinhas que eu encontrava por aí... Com algumas dava até para construir castelos de sonhos. De obstáculo em obstáculo, fui seguindo em frente sem deixar a peteca cair, sabendo que a vida é mais gostosa quando não nos deixamos abater.

Batalhas, sempre as teremos. O que não dá é aceitar derrotas, não deixá-las mudar o curso dos acontecimentos da nossa vida. Cada movimento contrário aos nossos planos e projetos pede novas

posturas da nossa parte, de cabeça erguida, fitando o horizonte a fim de descortinar novas oportunidades de crescimento.

Por isso viva e se deixe viver!

Ame e se deixe amar!

E faça dos revezes da vida um motivo para você se orgulhar!

DELÍRIOS DE AMOR

Miraselma das Neves Sardinha

Fui envolvida por sua doce presença desde a primeira vez que o vi. Todos os dias lembro do seu olhar baixo de sempre, a me olhar quando eu estava de costas, sentia que alguém me olhava, virava e lá estava ele de cabeça baixa. Não sei como sabia o tempo exato em que me viraria em sua direção e tão rápido baixava a cabeça ou desviava o olhar. Mas isso, fui eu que inventei, de fato ele não me olhava, só era meu desejo que fosse real.

Era uma tarde, segundo semestre de 1989, um grupo de garotas entrou numa sala para o que seria uma brincadeira. Uma das garotas do grupo segurava um garoto pela mão para apresentá-lo a uma menina muito tímida, que sentava no fundo da sala, saímos para que o casal pudesse conversar.

No grupo que saiu estávamos, eu e ele, só estava ali porque ia andando no corredor, esbarrei nele sem querer, não me notou, haviam muitos alunos no pequeno espaço, saiu andando sem olhar para trás, nós ríamos baixinhos todos eufóricos, principalmente as meninas, adolescentes ansiosas para conversar com a colega de classe e sabermos do que falaram, ela e o garoto, enquanto saímos.

Fui rapidamente me aproximei discretamente, tratei de descobrir seu nome, que até então não sabia, se tinha namorada, pelo menos não na escola, alívio. Sempre dava um

jeito de estar onde ele estivesse. No horário do intervalo eu saía desesperada procurando-o e lá estava ele no meio dos outros garotos, mas, parecia estar sozinho, ele não era triste só introspectivo, era o que pensava.

Todas as vezes que o encontrava ia chegando, fingindo passar e ficar por ali esperando ele puxar assunto o que não acontecia, aliás, ele nunca iniciou uma conversa, era sempre eu quem falava. Raramente ele dizia sim ou não, sorria timidamente com o canto da boca, parecia me desprezar com seu olhar de galho tombado.

Não sei como, mas nunca mais nos separamos, meu olhar o procurava sempre, saía mais cedo de casa só para esperá-lo e nos falarmos antes de entrar na escola porque éramos de classe diferentes, só poderíamos conversar na hora do intervalo ou na saída, nesse último caso tínhamos pouco tempo, todos deveriam ir para casa antes do anoitecer.

Para ele chegar até o portão da escola só tinham duas ruas próximas, para encontrá-lo eu ficava apostos, andava de um lado para o outro, de uma esquina a outra da rua para ver se ele vinha, nunca chegava mais cedo, somente bem próximo do horário de soar a sirene de entrada, para meu desespero, nem dizia oi e devíamos entrar, e ele entrava, era correto com o horário se eu não entrasse ele me dava as costas e saía andando, ir para a sala era sem dúvida muito mais importante do que se atrasar e passar mais alguns minutos na minha ansiosa companhia.

Eu era meio Lolita, meio não, inteira Lolita, às vezes mastigava chiclete, puxava com as

pontas dos dedos, de dentro da boca, enfiava de volta, ficava algum tempo ali tirando e colocando na boca, fazia grandes bolhas, estourava, esses gestos pareciam incomodá-lo. Por vezes o surpreendi franzindo a testa enquanto a bolha de chiclete estourava tomando conta do meu rosto, eu tinha que recolhe-lo jogar na boca e continuava mastigando. O surpreendia sacudindo a cabeça em sinal de não, contrariado pelo barulho, ele gostava do silêncio, era taciturno, eu achava, sem querer, quase não falava, se interrogado, levantava a cabeça olhava para a gente meneava a cabeça em sinal de sim ou não para em seguida baixá-la novamente ou virava para o lado contrário.

Seu ar silencioso as vezes me incomodava, nunca puxava assunto parecia morar dentro da própria cabeça, raramente sorria, mas quando nos olhava nos olhos tinha uma profundidade no olhar, parecia examinar até a alma, interrogava sem nada dizer, durava poucos segundos mas dava um arrepio na nuca, um frio no estômago. Ele era mistério. Embora eu o vigiasse nunca sabia de onde ele vinha, se eu andasse para uma rua ele surgia da outra, eu pensava em segui-lo descobri onde morava, mas não dava tempo, quando ia procurá-lo já tinha ido embora.

Ele não dava o menor sinal que não gostava de mim mas, também não gostava como eu queria, mesmo assim decidi amá-lo, eu teria muito tempo para me declarar ia aparecer uma oportunidade embora eu continuasse achando que ele não gostava de nada em mim, meus cabelos volumosos, meus seios enormes, que nem eu

mesma gostava, minha pouca estatura perto dele que era bem alto, e eu ainda achava que ele não gostava do jeito que me vestia, saia curta, calça justa e quando saía da escola dava um nó na blusa deixando minha barriga a mostra.

Na minha cabeça ele jamais me olharia, ainda que eu nunca o visse olhando outras meninas, cheguei a pensar que ele gostava de alguma ou tinha namorada que só via a noite, longe dos meus olhares.

Os dias me consumiam o tempo e eu não conseguia dizer a ele o quanto meu coração batia forte quando o via chegando, o quanto me faltava ar, o quanto eu tagarelava sem parar, de nervosa na presença dele, minhas pernas tremiam, minhas mãos suavam frio, meus joelhos ficavam quentes, costumam ficar assim quando fico excitada. Eu não podia dizer tudo que imaginava fazer com ele. A manhã não passava, as noites menos ainda, os finais de semana eram insuportáveis, sem aula, sem ele, ficava feliz olhando minha rua esperando receber uma visita num domingo qualquer, era bobagem esperar, ele não viria, devia estar com a namorada que nunca nos apresentou, ela nunca o esperava na saída da escola.

Quem ela era atormentava meus pensamentos, inventei um rosto, uma cor de cabelo, um corpo longilíneo só para humilhar o meu, uma pele rosada e uma boca bem carnuda que o beijava só para me fazer sofrer. Com ela ele conversava, devia ficar no pátio da casa dela ou dele, ela devia segurar suas mãos, aquelas mãos que eu admirava tanto, devia encostar a cabeça

no ombro dele, lhe beijar o pescoço. Nesses pensamentos me vinha um gosto amargo, uma dor, um egoísmo, eu o queria e era outra que o tinha todas as noites, era com a garota que eu inventei que ele passeava de mãos dadas, eu a invejava.

Eu treinava os beijos que daria nele, na costa da minha mão, ensaiava minha declaração de amor e o beijaria. Sem coragem escrevi várias cartas que rasguei, rabiscava inúmeras declarações de amor no meu caderno. Meus pensamentos estavam completamente ocupados por aquela figura de andar manso. Decorei seu jeito de pisar, do calcanhar para frente, com os pés um pouco de lado num ritmo a caminho dos embalos de sábado à noite.

Não sei como conquistei sua amizade. Quando saímos um pouco mais cedo, da escola, sentávamos no banco da praça ali próximo, eu deitava na coxa dele, ele passava as mãos nos meus cabelos enquanto olhava bem no fundo daqueles olhos querendo falar o quanto o amava, mas, as palavras não saiam, morria de medo dele fugir de mim. Foi ali naqueles dias que disse que suas mãos eram grandes, ele me disse que as mãos e os pés são proporcionais ao corpo, também me ensinou que nosso nariz e orelhas não param de crescer, por isso víamos muitas pessoas orelhudas e narigudas. Coisas do olhar malicioso.

Ter sua amizade era tudo de melhor que tinha na vida. Sua pureza de alma me invadia me enchendo de paz, me fazia esquecer quem eu era de verdade, tudo que eu não queria era que ele

soubesse de mim. Enquanto estava ali no colo dele, em algum lugar tocava "Vento no litoral", às vezes acho que era na minha cabeça. Fato é que essa música me fazia lembrar dele, todos os amargos dias sem ele. Assisti, inúmeras vezes, em algum lugar do passado e repetia a mesma frase antes de dormir: Eu acordarei em 1990, 1990, pensando acordar lá, na hora de me vestir e ir para escola vê-lo pelo menos só mais uma vez.

Nós fomos um completo mistério para o outro. Ele chegou a me visitar, mas como de costume ficou calado me olhando andar de um lado a outro da sala, como se procurasse algo. Na verdade, eu estava nervosa com a visita surpresa, estava feliz, não queria demonstrar

Ele permanecia calado mas pensava muitas coisas sobre mim, era o que eu queria, só não dizia. Ele me achava impulsiva, voluntariosa tanto quanto bela. Não sabia que ele me achava sensual, até me ver de biquíni, que coloquei no dia da visita. Choveu, aproveitei para tomar banho de chuva e me exibí para ele, não admitia que contemplava minhas pernas, mas sabia que preferia prestar reverência ao olhar melancólico e distante que eu ostentava, isso tudo sim o arrastava para mim, nos meus mais felizes sonhos.

Era maio do ano seguinte, ele continuava sentado no final do corredor olhando na direção do grande portão de ferro, o mesmo olhar baixo, vez ou outra levantava o olhar pensando me ver chegando, mas eu não podia.

Só nós sabemos o que não sabemos.

EU NÃO QUERO ENTRAR NESSA CAIXINHA

Mônica Anjos

Atenta, observo a hipocrisia desta sociedade que sempre valorizou e valoriza o exterior das pessoas. Aquilo que é agradável apenas aos olhos. A roupa da última moda. Os cabelos lisos, à custa do calor intenso de um secador, todo final de semana. Ah! E não podem ficar grisalhos, viu? De maneira alguma! Porque isso é sinal de velhice e, afinal, para quê inventaram a tinta? As unhas precisam estar arrumadas e pintadas impecavelmente. Os sapatos (sim, sapatos! Porque estes são mais chiques e causam melhor impressão) têm que ter o salto perfeito! Brincos, pulseiras, colares, anéis... O conjunto precisa estar em harmonia! E assim vão lhe colocando numa caixinha e lhe moldando à vontade alheia. Além da moldagem, isso poderá conduzir algumas mulheres a um consumo desenfreado. Definitivamente, não é esta a "harmonia" que pretendo para mim. Se este modelo te cabe, tudo certo! Se te faz bem de verdade, vá em frente! Contudo, minha amiga, se tu fazes, porque a sociedade dita que a mulher precisa ser assim, por ser mulher, ou para agradar a uns e a outros, desculpe-me a sinceridade, mas preciso dizer-lhe: estás te perdendo de ti mesma, num caminho que te tornará vazia de si. Desagrada-me a ideia do engessamento, das amarras impostas por quem, na maioria das vezes, nem faz parte de minha vida, da servidão a esses padrões, que impedem as mulheres de sair da "senzala da beleza

exterior". Abolição as que desejam ser livres!

O que há de errado em despir-se dos rótulos que outros desejam imprimir à sua personalidade? O que há de errado em negar os protótipos criados para as mulheres? Sou Mulher, sim! Tenho orgulho de ser e estou longe de me definir o "sexo frágil". Do alto dos meus - bem vividos - quarenta e seis, me desobriço a dizer sim a esta "beleza que escraviza". Porque de fato, não é o que me constrói. Valorizo minha essência. Gosto de minha originalidade e liberdade, que, sem máscaras, me permitem SER quem sou todos os dias! Sem preocupações com coisas que a meu ver, são fúteis e supérfluas. Insubstanciais e desnecessárias. E não transmitem à vida feminina nenhum valor. Nada tenho contra aquelas que aderem aos rótulos. Contrária eu sou a quem quer me convencer a caminhar a mesma estrada, sem compreender que eu não sou obrigada!

Ah! E sabem àquela história que já ouvi em algum momento de minha vida, que tenho que ficar bonita pra agradar a quem amo? Que preciso pintar meus cabelos grisalhos, porque estão me deixando parecer mais velha? Falas como estas, levam-me a questionar: O que há de imperfeito no ato de envelhecer? É feio alcançar o outono da vida? É anormal vivenciar naturalmente cada etapa da existência? Sei de tantas pessoas que desejavam ver seus cabelos se agrisalharem e não conseguiram, porque tiveram suas vidas ceifadas antes que se tornasse possível. Então, pelos meus, que estão sendo "caitados" pelo tempo, sou imensamente grata ao meu Deus! Eles - os meus cabelos "caitados" pelo pincel de

minha história – apenas me mostram o quanto já percorri da caminhada! E que fique bem claro e registrado: neste trajeto, a primeira pessoa a quem devo agradecer sou EU! Preciso estar bem comigo, para ir ao encontro do outro! Amo-me do jeitinho que sou! E quem assim não me amar, certamente não merece o meu amor!

ANALU E SEU PRIMEIRO SUTIÃ

Nauza Luza Martins (Lua de Vênus)

O dia prometia muita agitação e acontecimentos emocionantes. Analu mal dormira a noite, imaginando as novas pessoas que iria conhecer e os amigos que iria reencontrar.

Era uma tradicional festa anual de comemoração do aniversário da igreja evangélica que reunia na pequena cidade, pessoas de vários lugares dos municípios próximos, e até mesmo da capital.

Em meio a tanta agitação e expectativa, Analu pulou repentinamente da rede onde dormia ao lembrar que não tinha vestidos adequados para a festança. Caiu abruptamente, visto que o piso da casa era de chão batido e muito irregular. Nem sentiu dor ao perceber que estava com o joelho esquerdo todo arranhado. Ainda sentada no chão do quarto onde a rede da tia Belinha estava vazia e a prima Tetê ainda dormia, contou nos dedos todos os eventos que aconteceriam nos três dias de festa, e aflita, saiu correndo à procura da mãe. Era muito cedo, todos dormiam.

Era difícil se movimentar pela pequena casa de apenas dois quartos onde moravam dez pessoas. À noite, cada um armava sua rede, restando aos quatro irmãos, a sala e a varanda para dormir.

Apenas seus pais dormiam numa velha cama,

e duas irmãs em redes em cada canto do quarto deles. Analu, a tia Belinha e a prima Tetê se ajeitavam no outro quarto onde também dormiam os parentes que vinham de cidadezinhas próximas resolver seus assuntos na pequena cidade.

Analu encontrou sua tia Belinha na pequena cozinha, onde o fogão à lenha fumegava e a água fervia para o café da manhã, que nesse dia tinha até bolo de mandioca, seu preferido.

Mal tomou a bênção e já começou a falar tão rápido como era seu feitio, que a tia a olhou com expressão exclamativa, sem entender nada. Quando conseguiu finalmente explicar que não tinha roupa suficiente para todos os eventos da festa da igreja, a tia sorriu com ar complacente, oferecendo um pequeno pedaço de bolo.

Analu sequer conseguia comer o bolo. Não entendia a calma da tia e já esperava que esta repetisse sua famosa frase "tenha calma que Deus cuidará de tudo", que no momento, não a acalmaria. Ao contrário, a deixaria muito irritada.

Tia Belinha a deixou praticamente falando sozinha e logo voltou com um embrulho nas mãos, que atiçou a curiosidade da desanimada Analu. Ao ver o lindo vestido amarelo clarinho com detalhes de rendas nas golas e nas mangas, arregalou os olhos e se pôs a saltitar pela varanda soltando gritinhos de alegria acordando os irmãos.

Então, observou que a tia permanecia parada, impassível e com as mãos escondidas nas costas. Imediatamente se precipitou num abraço, tomando o que a tia escondia nas mãos. Seu rosto afogueado e com uma engraçada expressão de surpresa encarou a tia com um olhar

desconfiado. “É para você garota, não dá para usar esse vestido sem um sutiã, certo”?

Analu puxou um banquinho, se sentou e respirou fundo para melhor apreciar aquela preciosidade. Tinha 15 anos, era seu primeiro sutiã. Todinho seu. Custou a acreditar em tamanha felicidade. Nem se importou que tinha bolinhas amarelas que contrastavam com o tom bege. Colocou sobre os seios e saiu rodopiando e saltitando pela casa acordando a todos.

Tia Belinha, sempre tão macambúzia, sorriu mostrando os dentes ainda preservados. Nunca se casara e ajudava a irmã mais velha.

Ao chegar na igreja à noite, o evento já tinha começado. O local estava lotado. Teve a impressão de que todos a olhavam. Cruzou os braços e colocou a Bíblia sobre os seios como proteção. Se sentia esquisita. O sutiã deixava seus seios ainda mais empinados, e então, percebeu que as bolinhas amarelas eram visíveis sob o fino tecido do vestido. Sentou-se na quinta fileira encostada na parede e se manteve com o corpo arqueado.

No exato momento em que se virou procurando a mãe ou a tia, porque queria ir embora, ouviu seu nome. Era a voz do pastor chamando-a para cantar. Ficou impassível, mãos geladas.

Queria muito a ajuda da mãe, que ela a olhasse e fizesse algo para impedi-la de ir ao púlpito se postar na frente de todos – de sutiã novo com as bolinhas amarelas à vista – para cantar. Nem era domingo, ocasião em que costumava cantar ou recitar um poema. Porque

ele a chamava sem nada ter combinado?

Numa última tentativa, olhou para trás desesperada, o rosto pálido, e viu que a mãe e a tia que se sentaram juntas no banco das senhoras a encaravam severamente e gesticulavam nervosas para que atendesse ao segundo chamado do pastor: "Irmã Analu Cristina estamos lhe aguardando".

Analu tentou se levantar e desmaiou...

CAVERNA SEM DRAGÃO

Neide Pereira de Oliveira

Quando foi que a caverna perdeu o dragão e as pessoas passaram a caçar pokémon digital? Às vezes me sinto como se tivesse atravessado um buraco de minhoca. Me encontro perdida no espaço-tempo, como aquela série Alemã, de um canal de streaming, cuja sinopse já demonstra a sua complexidade em tratar o tempo e suas implicações sobre a natureza humana.

Dia desses, com certo saudosismo, um colega divagava sobre sua infância e como foi ter crescido em meio a seis irmãos. Coincidência, não!? Também lá em casa somos seis irmãos, ainda que uma irmã pra frente toda vida, partiu cedo, e agora viva apenas em nossos corações e recordações.

Voltando ao papo de infância. Posso afirmar que tive uma infância feliz, e ainda que em uma família com tanta gente, em casa convivíamos em média em dez pessoas, fora os animais e plantas. Aí, já viu: cada um com uma idade, cada um de uma época, cada um com uma personalidade, cada qual com sua própria verdade, sonhos e indagações.

Eu cresci em um bairro periférico, ali perto do manguezal, de onde assistia de camarote às fases da lua e às mudanças da maré, e pude constatar ainda pequena, como as pessoas, assim como a natureza, passavam por metamorfoses e

que muitas vezes elas nem se davam conta.

O interessante é que tudo tinha um ciclo natural: cada espécie, sua singularidade plural, agia como operário padrão, batia pontualmente o seu cartão, cumprindo metas e horários, na vida e no imaginário.

A saudação do sol dos caranguejinhos com suas puãs erguidas ao céu, a esperteza dos caranguejos-uça, as árvores imponentes de raízes flutuantes, a lama que guardava armadilhas feito areias movediças, tudo tão próprio e tão lindo, pena que poucos enxergavam assim.

Na lua cheia, com a maré alta a garotada enlouquecia! Corriam sobre aqueles enormes canos de ferro, que levavam água potável para o abastecimento da região, davam cada pulo, como saltos ornamentais, quanta bagunça os garotos faziam!

Por outro lado, nós meninas tínhamos de nos comportar, afinal pelos padrões sociais, não pegava nada bem participar daquela selvageria regada à testosterona.

Como pequenas princesas recatadas, subíamos nas árvores como fossem nossos castelos, à espera do príncipe encantado; olhávamos com desdém aqueles incautos juvenis, que quando percebiam a nossa presença se inflavam e se exibiam como fossem deuses do Olimpo, em suas magrezas pré-adolescentes.

No final íamos cuidar das nossas vidas, comendo os frutos ali mesmo nas árvores frutíferas e comentávamos sobre a vida alheia, afinal uma boa mocinha tem que ser bem informada!

Na infância os dias eram enormes, sério! As férias escolares eram de um mês, duas vezes ao ano! Já pensou!? Fora os feriados que existiam de montão, nunca mais teremos dias tão santos!

As horas passavam numa lentidão como uma pedra jogada deslizando sobre aquela água, mistura de mar e rio, fazendo patinho.

Corríamos descalços pelo quintal, tínhamos que lavar, tanto as mãos como os pés, antes de entrar em casa. Talvez fosse a premissa da tal higiene pessoal.

Enquanto criança, não havia tempo ruim. Quando chovia era bom para soltar barquinho de papel nas correntezas. Ainda bem que os bueiros só guardavam ratos e lixos, já pensou se aparece algum palhaço? Que não me ouça Steve King, pois já era espantoso o tal show da vida, com aquelas estórias sobrenaturais; era no mínimo, fantástico!

Os dias de sol com muito vento eram ótimos para empinar pipa, o problema eram os moleques à espreita com cerol na linha, na ânsia de agir, ao estilo do caçador de pipas, como no livro homônimo de Khaled Hosseini, cortando e furtando a pipa de algum infeliz desprevenido.

Brincar de casinha e boneca era considerado o mais recomendável para as meninas, mas se considerar as estórias e diálogos criados, isso era muito bom para imaginação e criatividade, sem ser pego nas aventuras da Poliana, nem tampouco na *society* da Barbie, ou nas meras convenções dos papéis "papai e mamãe".

Lembro-me em especial de uma boneca

predileta. Certo dia, do nada a coitada pegou sarampo, ficou como a galinha pitadinha, de vermelho canetinha é claro!

Embora, depois de ter todos cuidados plausíveis, infelizmente ficou com sequelas com manchas avermelhadas na pele.

Já pensou se ela tivesse pegado Covid? Se agravasse, com certeza teria sido entubada, só não sei se resistiria a tal procedimento.

E aquelas bonecas burguesinhas? Passavam o dia inteiro no cabeleireiro, cuidando da beleza, pele, unhas, sobrancelhas, até hoje não entendo porque, depois de cortados, os seus cabelos nunca mais voltavam a crescer!? Deve ser porque foram cortados na lua errada.

Com mais adrenalina, as corridas de bicicletas sem freios! Que desespero! Quanta emoção! Com direito ao assobio do hino da vitória, aquele do Senna, claro que era exclusivo para o vencedor.

E tinha a corrida *a La Barrichello*, o último que cruzava a linha de chegada, o mais lento possível sem pôr os pés no chão, tinha direito a bandeirada e tal!

Antes da modinha dos realities shows culinários, as receitas eram próprias e originais, quase sempre envolvendo frutas verdes e sal. E dá-lhe! Manga, goiaba, carambola, cajá, tomate, até limão se saboreava *in natura*.

Morder pimenta malagueta sem chorar, jamelão só para deixar boca roxa - ele também servia para pichar tábuas e paredes. Era tanta variedade de frutas e estórias, que o sítio do Monteiro Lobato ficaria com inveja.

E as festas de São João? Dançar quadrilha raiz com direito a alavantú e anarriê; nada dessa idiossincrasia de forró mesclado com funk, rock ou sei lá o que. Tinha pescaria, barraca do beijo, bilhetinhos, soltar maria fumaça - aquele balão feito de jornal velho, que se queimava todo antes de subir, e no céu suas cinzas vagavam, que por sinal, naquele tempo se viam muito mais estrelas.

Havia o horário certo de assistir televisão com os programas e desenhos favoritos, mas hoje, acredito que o que realmente faz infância feliz é curtir o mundo à sua volta, desvendar como fosse uma caverna sem dragão, seguindo o seu instinto e curiosidade, sendo o seu próprio mestre dos magos.

“DOIS PEIXINHOS”

(Prema Shakti)

Quando bem juvenzinha, ao me formar em dois Cursos Técnicos, de uma entrevista de estágio fui participar.

Qual não foi minha surpresa a ser a primeira mulher em cento e dez anos a ser contratada para o cargo de Técnica em Química e Técnica em Acabamento Têxtil na empresa.

Em Blumenau fui morar, sonho a se concretizar.

Chegando lá, dos três selecionados, a primeira e única mulher era eu.

Então começou a brotar a lama. O salário da mulher era bem mais baixo para a mesma função desempenhar.

E quanto ao racismo, porque meus olhos eram "escuros".

Na primeira semana fiquei na casa da entrevistadora que gentilmente, como mulher que menstrua, me acolheu.

Neste período, alugar algo era o grande desafio. E o que ocorreu?

O marido desempregado da dita cuja, com um bebê recém-nascido, em cima veio dar: ASSÉDIO!

Invadiu o banheiro, qual não foi meu desespero. Graças a Deus, consegui me esquivar.

Ali, impossível ficar.

Qualquer lugar serve, o importante era sair dali logo, o mais rápido possível!

Com a correria, num frio de doer os ossos no

saco, dormi.

Peões nas máquinas não aceitavam aquela menina-moça com conhecimentos teóricos técnicos, apesar de não saberem escrever, lá falavam em alemão.

Gente fria,
Gente preconceituosa,
Gente insegura...

Do laboratório à produção
Tecnologia de primeira bem ao alcance de
nossas mãos.

Mas a Moral, a ética,
Nem de longe era de terceira...

Oktoberfest,
Como se bebe,
Quanta inconsciência.

O foco daquele povo é o dinheiro e a bebida
Fora a violência animal! (Como se matam
vacas?)

Churrasco pra todo lado, uma carnificina,
verdadeira tristeza...

Essa violência,
Esse desamor,

Reflete no trabalho e no lar daquela gente
fria, que não sente o coração e também não se
coloca no lugar do outro.

Pra sair daquele frio gélido, mudei novamente
de lugar.

Viva o novo Lar!

Agora, uma senhorinha de olhos bem
clarinhos, de nome que nos remete à
verossimilhança e nos passa confiança, nos aluga
a sua casa.

Tudo lindo! Quatro quartos, jardim ao redor

de toda a casa, árvores, casinha do lado de fora para lavação e mais um quarto.

Um gatinho de rua adotei, dele cuidei e nele me liguei.

Finalmente o Amor venceu!

Contudo, no início de um dia, acordei com algo frio no dedão do pé.

Era água! Enxurrada, coisa mais triste de se viver...

O que fazer?

Já que a casa situava-se abaixo do nível da estrada, o melhor a fazer era sair, atravessar a rua ir para um plano mais elevado e observar a força da Mãe Natureza a tudo

Destruir sem nos ferir...

Limpendo, agindo, purificando,

Chorando e lavando toda a dor daqueles que se afastaram do Amor.

Mas,

O Sol volta a brilhar...

Móveis ainda sendo pagos, a descartar.

A quem solicitar ajuda?

Na época não havia celular, não havia internet, ir para um orelhão e pedir arrego aos pais?

Ah, se o orgulho deixasse...

Volver os olhos para cima,

Ter a certeza de que esta não era minha sina.

Não há uma só folha que caia sem o consentimento do alto.

Saber que nunca se está só.

Cumprir o ciclo,

Aprendizado feito.

Qual o caminho escolher:

Pagar Karma ou cumprir o Dharma?

Lei de Ação e Reação ou cumprir a missão?

Sem dúvida,

À Cidade Maravilhosa voltar.

Em suas montanhas me fortalecer e reestruturar.

Nas águas do mar, mergulhar e nadar.

Esses são os peixinhos verdadeiros.

Observar que de 1990 para 2021 em relação ao tempo cronológico e ao histórico, é pouco tempo.

Contudo, vejamos quantos avanços foram feitos na tecnologia e o quanto caminhamos.

Apesar de que, naquela época já havia feito especialização em Supervisão de Tratamento de Efluentes. E até hoje as empresas AINDA não implantaram esse Sistema Ecológico.

É o tal desamor...

Do egoísmo

Nem Amor - Respeito as empresas têm à Natureza. Em 2020, além da Pandemia de Covid 19, Carioca descobriu que bebe água de esgoto tratado... Será realmente Geosmina? Em pleno 2020! Sendo que em 2021 a população Carioca novamente se viu SEM água potável!

Mas o foco é: O quanto isso me incomoda? O quanto me mobilizo? O que eu faço individualmente? O que faço localmente? O que faço coletivamente?

Reclamar, nada resolve.

Desafios vêm para nos fortalecer.

Problemas existem para serem solucionados.

No que estás engajado?

Qual o seu projeto de vida?

Onde te leva? A quem serve?

Qual o propósito?

Dignificar-se; sentido existencial pro humano.

HU-MA-NO!

Não importa cor, credo, escolaridade, classe social, opção sexual.

Ser humano ser,

Agir, Florescer

e

Perfumar igualmente para todos.

Lótus Ser.

SIM E NÃO

Raquel de Castro

Quando me percebi gente... no dia em que aprendi, eu, Sofia, a diferenciar o sim e o não. Vivia no automático disparando "sim" e "não" a torto e a direito para perguntas até sem respostas. Não refletia para o valor que uma simples palavra poderia transformar o jeito de ver a vida.

Ainda jovem pude perceber nuances que não verificava antes. Contemplava o universo com os olhos dispersos e, de repente, vi matizes. Tive que trabalhar ainda cedo, com a maioria tive que escolher que empregos eu desejava para mim. No início, fiquei confusa porque não sabia o que queria fazer o resto da minha vida. Mas não sabia que o resto de vida é feito por mudanças de planos. Não vislumbrava futuro, concentrada no presente, não vi possibilidades. Para dizer sim ou não há de vê-las.

Sofri em dizer "não" em momentos que caberia um "sim" e vice-versa. Frustréi momentos que poderiam ter rendido as melhores recordações, o lugar seguro dos bons momentos vividos da minha existência. A tempo pude começar a guardar os instantes encantadores da vida. Meu baú da reminiscência.

Quando ousei ir além do falado, percebi que posso ser mais do que é visto. Vi que não se pode falar sempre só para abrir a boca mecanicamente

e emitir som. Tem que dar sentido ao que se fala também. Nem se sabe como alguém pode ouvir e ver meu sentido. Falácias são prejudiciais como jogar dinheiro pela janela.

Sou gente dotada de humanidade. Poder ver a dor do outro e se compadecer requer perspicácia e compaixão. Ao longo da vida, todo mundo sofre. Todo mundo carrega cargas da vida e tem que carregá-la até que seja leve, feito pluma ao vento. A dor pode aproximar as pessoas e compartilhada diminui ou desaparece.

Houve acontecimentos em que segui o fluxo e não refleti para saber o que pensava sobre eles ou o que sentia deles. Tive perdas muito grandes. Pessoas que não convivem mais comigo. Algumas porque partiram, outras porque não busquei conhecê-las. Poderia ter sido diferente. Mas o importante é o agora.

PAUSA PARA BALANÇO

Regina Ruth Rincon Caires

Conheci uma pessoa de outro tempo. Ou de outro mundo. Como qualquer outra, concebida não sei se por descuido ou de maneira programada, e que chegou ao mundo em casa, pelas mãos de uma parteira. A mesma parteira que pegara seus irmãos, seus primos, e todas as crianças que por ali chegaram naquelas últimas décadas.

Cresceu, teimosamente, numa época onde não existiam vacinas, onde a pólio corria solta. Não havia família que não contabilizasse o infortúnio da morte de uma ou mais crianças nos primeiros anos de vida. Se não pelo sarampo, pela pólio, pela tosse comprida, elas sucumbiam por pequenas infecções que, por falta da penicilina ali na vila, se alastravam pelo corpo. E, impiedosamente, morriam...

Pessoa astuta, sem sossego, sem parada com as pernas e com a cabeça, vivendo num lugar onde a água chegava por braços que giravam os sarilhos das velhas cisternas, onde a luz chegou como resultado da engenhoca de imensos geradores movidos a óleo-diesel, e que funcionavam com horário marcado. Isso mesmo! A iluminação era oferecida aos moradores a partir das seis horas da tarde, e era interrompida pontualmente às nove horas da noite. Durante três horas, era como se o dia se prolongasse,

mas, pontualmente às nove horas, impreterivelmente, tudo virava breu...

E, para os pequenos, se o breu os pegasse na rua, era hora de tirarem os chinelos, e, com um em cada mão, desatarem numa carreira desenfreada pelas ruas de terra e pedregulhos até que ganhassem suas casas.

O escuro era temerário, a imaginação ficava solta e buscava, infalivelmente, o medo.

E assim, nessa realidade incrivelmente simples, aos cinco anos de idade, na avidéz de descobrir o mundo, além do compromisso das brincadeiras de todos os dias, da largueza, da liberdade incondicional onde não havia descanso nem feriado, realizava-se assistindo às aulas do curso de adultos que funcionava num salão a dois quarteirões de sua casa.

Diariamente, as aulas começavam às sete horas da noite e terminavam às nove, razão pela qual sempre estava a correr pelo breu com os chinelos nas mãos...

Encantava-se com aqueles homens e mulheres de modos simples, de trajes humildes e puídos, rostos cansados, peles maltratadas pelo sol excessivo de anos e anos a fio, mãos calosas e duras, mas que ali, instalados desajeitadamente naquelas velhas carteiras feitas para crianças, ali, naquela sala de aula, escondiam-se atrás do brilho dos olhos querentes por aprender. E a professora, paciente e terna, de carteira em carteira, segurava mão por mão, flexionava braço por braço, punho por punho, e com muito esforço ensinava cada um a fazer um círculo, um traço, um rabisco funcional. E, como num milagre,

chegava à letra “a”, “e”, “i”... Tudo como se fosse mágica!

E nessa magia de todas as noites, como ajudante da professora sábia e generosa, apagava o quadro-negro, recolhia e distribuía os cadernos, varria a sala, recolhia o lixo, abria e fechava as janelas e porta nas noites de chuva e ventania. E prestava muita atenção a tudo o que era ensinado e falado. No final daquele ano, quando completou seis anos, estava alfabetizada. Lia mais facilmente do que escrevia. Mas, escrevia...

E, assim, o mundo se abriu...

Sabia ler, e agora poderia assistir até às sessões do Cine Santa Maria! Tudo ganhara novo encanto! Era capaz de ler todas as legendas dos filmes estrangeiros, se bem que muitas vezes algumas apagavam antes que conseguisse ler tudo. Na verdade, a leitura ainda estava um pouco lenta.

Foi brilhante no curso primário, e menos, bem menos no ginásial. A mudança, de uma única professora, aquela que na sua cabeça funcionava como uma mãe adotiva, única, sábia, onipotente, para vários professores, cada um restrito a uma matéria, essa mudança demorou a ser digerida por ela, se é que foi... Um tremendo desconforto.

Da aritmética, estudada até então, passou para a matemática moderna. De repente, a ciência exata não se resumia apenas a somar, subtrair, multiplicar e dividir. Não bastava ter decorado a tabuada. Passou a ser: conjunto, intersecção... E isso não fazia sentido na sua cabeça. Depois vieram teoremas e teoremas... Para que aprenderia aquilo?!

E em toda a sua vida acadêmica, não se lembra de ter estudado física, química, e sabe que, por mais que tenha tentado, nunca entendeu a matemática. Nunca soube o que era logaritmo, álgebra, mecânica quântica, como se calculava a velocidade, a potência, a capacidade, o impacto... Não sabia nada de nada... E participava de tudo. Dos desfiles comemorativos, dos jogos, dos eventos religiosos, políticos, festivos... E andava... Como andava! Era feito serelepe. Conhecia cada palmo de chão da pequena vila. E sabia do costume de cada morador, de cada um dos amigos.

Quando não estava na escola, a programação era quase que sacramentada. Às duas horas da tarde pontualmente, durante os dias de semana, precisava estar na casa de Dona Nair para ouvir a novela da rádio. E tinha novela que se estendia por mais de um ano! E foi através do rádio que soube da morte de *James Dean*, de *Jeff Chandler*, da execução monstruosa de *Caryl Chessman*, da morte do presidente *Kennedy*, de *Marilyn Monroe*...

Aos doze anos, conheceu a TV e, aos treze, conheceu o telefone. Apaixonantes! Como a imagem, feito um cinema em caixa, chegava até às casas?! Como uma pessoa falava de outra cidade, distante, e podia ser ouvida através daquele aparelho preto que era encostado no ouvido, na orelha?! Era possível ouvir tudo como se a pessoa estivesse no cômodo ao lado!

E quando com quatorze anos, foi estudar em outra cidade, conheceu de perto o semáforo. Verdade! Até ali aprendera, através de desenhos,

gravuras e filmes, as cores do semáforo, o que representavam: PARE - OLHE - PASSE. Mas ali estava diante de um, ao vivo, em cores. E naquela noite não dormiu direito. Ficou intrigada e matutando... Como é que o semáforo sabia que estava vindo carro do outro lado, e sinalizava para que o trânsito contrário parasse?! Levou tempo para perceber, isso sem perguntar a ninguém, que o semáforo NÃO SABIA que havia carro vindo do outro lado, que tudo era apenas uma questão de tempo cronometrado para um lado e para o outro, tudo fruto de um dispositivo que fazia parte da máquina, da engenhoca do semáforo.

E foi normalista...

E curtiu a MPB, a Jovem Guarda, o Tropicalismo, a Beatlemania...

E viu o homem chegar à lua...

E curtiu a Copa de 70...

E dançou muito...

E, aos dezoito anos, conheceu o mar. E se deslumbrou. E não acreditou.

Pela primeira vez via uma montanha, uma serra. Aqueles picos altos, que enxergava diante dos seus olhos, deixavam de ser a ilusão criada inicialmente por gravuras que a professora colocava diante da classe para que fosse feita uma descrição, ou para que se inventasse um texto, deixando a imaginação correr solta. A serra estava ali, diante dos olhos. As montanhas, com as quais sempre sonhara sem nunca ter visto antes, estavam ali. E se encantou...

E estudou, e se formou, e se casou, e teve filhos...

E feito formiguinha, trabalhou, trabalhou...

E como qualquer outra pessoa, sonhou, acreditou, amou, sorriu, chorou...

E aprendeu a dirigir aos trinta e dois anos...

E, aos quarenta e dois anos, viajou de avião...

E conheceu o computador, com ele teve que trabalhar. Que dureza!

E, aos quarenta e seis anos, foi avó. Talvez como um presente para suavizar e enternecer o coração abalado pelos atentados, pelas catástrofes, pelas tragédias do mundo moderno. Ninguém continua igual depois de tantos solavancos... Mas a doçura devia ser preservada..

E sobreviveu tentando resguardar alguns poucos sonhos. E lutou para não se deixar endurecer demais, para superar o medo, a angústia, a insegurança, a solidão. Como lutou, misericórdia!

E envelheceu...

E continua aqui. Se não com a mesma astúcia deixada pelo longo caminho, nem com a mesma avidez de aprender, mas ainda com a mesma disposição de cuidar dos seus amores, que são muitos e que foram se somando ao longo da vida. Só ficou mais apressada. O tempo ficou precioso demais para ela. A jornada adiante é infinitamente mais curta do que a já percorrida, e isso a angustia. Sempre pensa que há tanta coisa a ser feita! Esta pressa que sente está atrelada ao viver, e não a qualquer outra coisa. Morrer é inevitável, mas não desejável. E não há pressa alguma nessa fila. Ninguém quer passar à frente, não existe tumulto. Ninguém reclama por esperar. Existe apenas uma ordem desconhecida e

silenciosa, e a fervorosa torcida para que tudo siga a sequência natural, sem inversão, sem sobressaltos... Os avós, os pais, ela, os filhos...

Conheci esta pessoa há muito tempo, é uma amizade que vem de longa data, foi uma convivência intensa. Desfrutei de suas virtudes, sofri com seus infinitos defeitos, tentei respeitá-la, mas, por muitas vezes, não consegui.

E confesso que, mesmo me esforçando muito, infelizmente nunca me apaixonei por ela. Muitos dirão: "que pena!". Mas só eu sei o que ela me fez passar... Quanto aborrecimento, quanto medo, quanta solidão, quanta insegurança, quanta vergonha! Eu senti tudo isso na pele...

QUEM SOU EU

Roseane Pereira Rabelo

Quem sou eu, que nasci, cresci e vivi, não sei como, não sei onde e muito menos com quem.

Só sei que me pergunto todos os dias quem sou eu.

— Será que eu sou de verdade ou de mentira, será que eu sou quem eu imagino ser ou apenas não sei quem eu sou? Ou talvez eu gostaria de ser uma outra pessoa e não ser essa pessoa que eu sou?

Eu sou única no universo, tenho as minhas próprias características. A minha própria personalidade e identidade. Tenho o meu jeito de ser e de fazer. Tenho o meu jeito próprio de amar, amar demais, sem medida chego a ser exagerada.

Eu posso perder a minha memória e esquecer de tudo, até mesmo, de quem sou eu, de onde eu vim, as minhas origens e todas as minhas lembranças. Mas não consigo esquecer de me perguntar o tempo todo quem sou eu.

Quem sou eu que tanto busco essa resposta para mim mesma e ainda não encontrei?

Tento por conta própria fazer o mundo ser melhor. Tenho as minhas qualidades e os meus defeitos.

Sinto os meus medos.

Tenho os meus gostos.

Tenho os meus sonhos.

Tenho as minhas saudades.

Tenho as minhas marcas deixadas pela vida. Mas tenho marcado muitas histórias de vidas também. Já abandonei coisas, mas nunca a minha vida e muito menos o amor.

Todos os dias me pergunto em que eu posso melhorar. Fico me perguntando o que é felicidade, o que me faz me sentir feliz com o meu próprio eu. Essa é uma pergunta complicada, querer saber quem sou eu de verdade. Eu ainda não consegui encontrar as respostas e quando penso que me encontrei, descubro que ainda não sei quem sou eu.

APRENDI COM A VIDA

Sebastiana Fernandes de Amorim

Gemma Galgany

A vida me ensinou que ser mulher é entender que não precisa ser perfeita para ser aceita, não precisa agradar para ser reconhecida, sofrer calada, ser submissa, frágil, aceitar o erro sem corrigir para ser valorizada. Nada disso!

Ser mulher é descobrir sua força, seu potencial, seu poder, sua inteligência, sua coragem e seu verdadeiro valor. É ficar onde sua essência é respeitada, sua opinião é considerada, onde as pessoas lhe enxergam pelo que você é, não pelo que você possui, onde o valor de abraço, de um beijo, de um sorriso, de um aperto de mão, de uma lágrima num momento de dor, de tristeza, e seguir juntas na mesma estrada.

Ser mulher é cercar-se da beleza de quem olha pra você devagar para melhor lhe conhecer, de quem vive o presente sem esquecer o passado e sem sonhar com um futuro brilhante parada sem ir à luta. Ser mulher é ser corajosa, estudiosa, batalhadora, insistente, persistente na luta pela realização dos seus sonhos sem desistir diante dos obstáculos, e quando os objetivos alcançar, saborear o gosto da vitória com sabor de garra, trabalho e perseverança, porque uma vitória sem luta é um triunfo sem glória; agradecer a Deus e seguir em frente em busca de

novas conquistas e realizações.

Ser mulher é amar a Deus, ao próximo, respeitar, para ser respeitada, ser companheira, amiga confiante e solidária com quem ama, ser carinhosa, delicada e prestimosa, dá conforto ao fraco, ajudar ao oprimido, animar o triste e cativando a todos ao seu redor com suas qualidades.

Ser mulher é saber segurar a mão de quem segurou a sua quando ela estava vazia, ser quem você realmente é, sem se deixar abater pelas ofensas críticas e as maldades que nos afetam no dia a dia, sabendo que para criar inimigos não precisa declarar guerra, basta dizer a verdade, compreender que o sabor da vida depende de como a temperamos dos condimentos que usamos, ser responsável pelo o que faz e pelo o que diz, sem se preocupar como vai ser entendida, ter boa índole, caráter e personalidade, ser firme nas atitudes, com consciência de que só assim poderá tornar-se uma vencedora e que não é qualquer coisa que vai lhe satisfazer como também não é qualquer coisa que vai lhe abalar.

Ser mulher é ser elegante, vaidosa, participativa e criativa, porém sem esquecer que chique é ser feliz, não é ter carro importado, roupas de marca, jóias caras, morar numa mansão. Elegante é ser simples, ser honesta, não é se enfeitar com maquiagem e acessórios de alto valor monetário. Ser bonita, ser caridosa, ser honesta. Ser sábia é saber ser grata. O resto não

importa, porque nada mais é do que inversão de valores.

E, assim, aprendi que a mulher sábia não promete nada quando está amando. Feliz, em paz consigo mesmo e com todos. Não responde nada quando está irritada, preocupada, enraivada. Também não toma nenhuma decisão quando está triste, melancólica, deprimida. Leva consigo o brilho para onde quer que for, porque a mulher nasceu para brilhar e nada pode ofuscar esse brilho, não tem medo de nada e estando apaixonada, se for uma nordestina arretada. Aí sim, sabe mostrar seu valor.

VINHO AMARGO

(Spin-off do romance VINHO)

Simone Mota Almeida

Hoje é dia seis de outubro de 1987. Em meio ao caos, dirijo o meu carro rumo a Goiânia. Sem avisar ninguém eu arrumei uma pequena mala com algumas roupas escolhidas aleatoriamente, peguei minha bolsa e parti, pois se assim não fizesse, ficaria louca.

Neste momento, Gabriel, o amor da minha vida, padece num leito de hospital após ter sido baleado na noite de ontem pelo meu marido, Carlos, um homem violento, que certamente nas próximas horas será preso.

Eu me pergunto: o que eu fiz de errado para estar com o meu coração dilacerado e carregando o peso da culpa por esta tragédia?

Eu me casei com Carlos em 1973, contra a minha vontade. Meu casamento foi negociado pela minha família em troca do pagamento das dívidas que possuíamos. Quando pensei em fugir para não amargar este destino, minha irmã adoeceu, e a sua vida dependia de dinheiro, ou seja, dependia de mim! Assim, eu não tive escolha a não ser aceitar aquele acordo nojento.

No mesmo dia do nosso casamento, Carlos me levou para longe da minha família e me submeteu a uma vida de horrores onde violências psicológicas e físicas eram frequentes. A situação só melhorou depois que o meu filho nasceu.

Anos depois, Fernando, o meu filho, cresceu

e como morávamos num lugar onde ele não poderia dar sequência aos seus estudos, precisou mudar-se para a Capital, deixando-me novamente sozinha com o meu marido e assim, as violências recomeçaram.

Carlos se divertia com o meu desespero, se alegrava com a minha tristeza, se exaltava com a minha vergonha e se satisfazia plenamente, enquanto eu morria por dentro.

Porém em meio a minha vida triste e desenxabida, acabei conhecendo Gabriel, um médico que veio à minha cidade para passar as férias.

Recordo-me com alegria dos seus olhos azuis acinzentados e dos seus lábios rosados me dizendo: "*Ana, nós viemos ao mundo para sermos felizes, não para suportarmos a vida*", após eu lhe contar uma parte sutil da minha história e, era isso que eu fazia, eu apenas suportava a vida!

Inevitavelmente nos apaixonamos perdidamente e numa noite enluarada do mês de maio deste ano, na qual o meu marido viajou, eu, após tomar uma taça de vinho, me entreguei ao Gabriel e pela primeira vez na vida me senti mulher, me senti amada e descobri o verdadeiro sentido do termo: "*fazer amor*".

Carlos, o meu marido, viajava para a Capital toda primeira segunda-feira do mês e só voltava na tarde do dia seguinte, e nesse dia, nas altas horas da noite, Gabriel vinha me visitar para vivermos a nossa noite de amor que acontecia apenas uma vez por mês.

O meu marido descobriu o que se passava, fingiu viajar, mas ontem à noite, voltou para casa

armado para me matar. Porém, Gabriel entrou na minha frente para me proteger e foi baleado. Ao perceber a besteira que havia feito o meu marido fugiu e eu levei Gabriel para o hospital onde ele foi atendido e transferido para Goiânia por estar muito mal.

Contudo, eu não consigo esquecer os olhares das pessoas ontem à noite no hospital, me apontando, me condenando, fazendo-me sentir como uma pecadora apedrejada.

Hoje eu sei que, além do sofrimento que dilacera o meu coração, sou apontada pela sociedade como a única culpada por esta tragédia, pois desgracei a vida de dois homens: um padece num leito de um hospital e o outro está sendo procurado pela polícia.

Porém ninguém sabe das surras que o Carlos me deu, do tempo em que ele me manteve como prisioneira num quarto escuro com mofo, me fazendo adoecer, da vez em que ele me queimou com ferro e de quando ele me trocou como prêmio numa aposta de carteados!

Ninguém sabe que já na nossa segunda noite de casados ele saiu para beber e visitar prostitutas, com as quais ele conviveu a vida toda, porque para ele isso é normal, ele é homem e tudo pode!

Algumas vezes, eu até tentei pedir ajuda, primeiro para o médico que me respondeu dizendo "*em história de marido e mulher, ninguém mete a colher*" e, por fim para o padre, um homem de Deus, que após eu fugir, me entregou de volta nas mãos do meu marido dizendo que ele era o responsável por mim e

saberia o que fazer! Sim ele soube, ele me acorrentou em casa!

Não, ninguém sabe o que eu sofri! Com vergonha de mim mesma e do que as outras pessoas poderiam pensar, eu nunca denunciei o Carlos! Eu inventei que fiquei sem cabelos por conta dos piolhos, quando na verdade foi ele quem os cortou; e os meus hematomas sempre era culpa do tapete, do chão encerado e inúmeros tombos por eu ser desastrada.

E agora, depois dessa tragédia, eu estou provando o sabor do vinho amargo, pois carregarei sozinha a culpa pelo meu erro que foi desejar ser feliz com o único homem que eu amei na vida.

(R)EXISTÊNCIA DA MULHER PANTANEIRA EM MATO GROSSO DO SUL

Taynara Martins de Moraes

Antes de iniciar o que me proponho a expressar nesse texto, sinto a necessidade de citar aqui o estudo da historiadora Cláudia Lemes, publicado em 2010 no livro "Poéticas do Desejo", organizado pelos também historiadores Miguel Rodrigues e Aguinaldo Rodrigues. No artigo em questão, Lemes descreve a mulher escritora como uma sujeita da transgressão, pois "rompe com o modelo feminino que a sociedade brasileira impunha a todas as mulheres" (LEMES, 2010, p. 176)⁴.

Por desventura, o sistema responsável pela criação desse modelo padrão de "ser mulher" parte dos mesmos precursores do processo colonial das Américas: os europeus. Neste caso, eu poderia passar parte deste texto descrevendo o processo colonial e como ele ainda se faz vivo, tanto nas camadas que compõem a base, quanto nas que compõem a superestrutura das sociedades globais.

No entanto, o fato é: a escrita é um caminho de resistência à subalternização, sobretudo quando esses sujeitos subalternizados partem das margens sociais. Como parte dessa margem,

⁴ Referência sob responsabilidade da autora Taynara M. de Moraes

proponho aqui uma escrita que reflita sobre os buracos na episteme que, ao longo das últimas décadas, vem se formando no entorno da região pantaneira.

Contudo, devo esclarecer que todas as observações que escrevo aqui, partem de um Pantanal específico que, além de ser a minha terra natal, permanece ao longo desses vinte e seis anos, como o meu lar: o Pantanal Sul, que abriga as cidades (em Mato Grosso do Sul) de Miranda, Aquidauana, Corumbá e Porto-Murtinho.

O lado mais “científico” dessas observações deu origem à minha dissertação de mestrado, intitulada “Vozes que decolonizam o saber: narrativas insurgentes de Mulheres do Pantanal Sul”. Foram quatro capítulos escritos, com base não só num leque de referências Decoloniais, de Gênero, do Pantanal e dos Estudos Culturais, como também no tempo de experiência que tenho como mulher que antes já foi uma menina no/do Pantanal (Sul).

Um tempo que, comparado à própria história da formação dos povos pantaneiros, é muito pequeno. Por isso mesmo, durante o período em que estive em “campo”, tomei como objetivo conversar com quatro mulheres que exercem/exerceram trabalhos diferentes na região: pescadora, ex-cozinheira de latifúndio, agricultora familiar e liderança indígena.

São quatro perfis de mulheres dentre outros muitos, que emergem da composição social que formam as camadas sociais do Pantanal, porém que não ultrapassam as barreiras do projeto colonial que, através da grande mídia, objetiva

criar para a região.

Não precisamos ir longe para encontrarmos esse projeto, por isso convido o leitor/a leitora para um rápido exercício: uma pesquisa no *google* do termo "Pantanal". Os resultados são uma grande quantidade de fotografias que dariam (e devem ser) belos cartões postais, uma natureza exótica, um grande atrativo para turistas que querem conhecer o patrimônio natural da humanidade que abriga parte do território brasileiro, paraguaio e boliviano.

Também aparecem outros elementos, como as trágicas queimadas e a forte presença do "agro" na região. Quanto aos povos, estes são representados por uma figura em especial: a do peão. O peão pantaneiro, nessas imagens que foram caricatas inclusive da novela "Pantanal" do diretor Jaime Monjardim, exibida originalmente pela Rede Manchete em 1990, foi durante muito tempo visto como um símbolo cultural da região.

A própria novela ocupou-se de levar ao público brasileiro o estereótipo do sujeito pantaneiro através dum enredo "romântico" de uma região "selvagem". Essa "selvageria" foi equivocadamente descrita na própria personagem principal, a Juma. Na época, interpretada pela atriz Cristiana Oliveira, a Juma era para ser a "típica mulher pantaneira".

No entanto, equivocadamente, essa figura da mulher pantaneira mais expressou um pré-conceito formulado pela divisão entre centro e periferia, sobretudo rural, do que uma cultura propriamente dita. Nessa imagem criada pela Juma, a mulher pantaneira é aquela que quando

levada para a cidade grande, se comporta como um "bicho do mato".

Ao longo da novela, Juma vai perdendo essas características e, como uma onça marruá, passa a ser "domesticada" pelo herdeiro Jove. A forma como a novela romantiza a elite rural também é desonesta frente à realidade. De um modo geral, a região tende a ser distorcida para caber dentro da expectativa capitalista, tanto do turismo quanto do agronegócio e do "modernismo".

A cultura pantaneira, neste sentido, é má representada e essa representação de qualidade duvidosa é um potencial definidor do que é mostrado e o que precisa ser ocultado na região. Das minhas memórias, como uma criança que cresceu na área rural da região, não sinto familiaridade com os estereótipos criados para nos representar.

O homem, como figura central, já é um problema. Principalmente se esse homem, em seu sentido literal de gênero, for um produto do agronegócio. Neste caso, o próprio agronegócio não pode ser levado em consideração na representação da verdadeira história do Pantanal. Não dessa forma, como um setor prioritário da cultura da região.

Principalmente se considerarmos que parte fundamental da cultura pantaneira vem dos povos terenas, que por sua vez, são constantemente perseguidos pelo agro. Além dos terenas, outras comunidades que representam a economia local são os ribeirinhos.

Distribuídos ao longo do Rio Miranda e do Rio Paraguai, por exemplo, os ribeirinhos são

compostos por núcleos familiares que dependem exclusivamente da pesca. Estes indivíduos são outros sujeitos das ações do “agro” na região. Com o aumento das lavouras próximas aos rios, o meio de subsistência deles está ameaçado e, sem surpresa, isso é um fato que não estampa as matérias sobre o Pantanal, que estampam os jornais do país.

Das entrevistas que fiz, a comadre ribeirinha que aqui chamarei de Maria, é a primeira a deixar bem claro a importância da sua (r)existência, como moradora da beira do rio Miranda. Além de evidenciar o seu conhecimento empírico sobre as águas do Pantanal Sul, Maria também ocupa um espaço de liderança dentre os ribeirinhos locais.

Não que a novela deixe de nos trazer um sentimento nostálgico, aliás, devo dizer que é o ponto mais positivo da trama, talvez até o único: a paisagem. No entanto, as relações humanas e o descaso social é um fator que passa despercebido aos olhos dos curiosos que buscam por mais informações sobre o que temos por aqui.

Enquanto tratamos o belo como preferência do que estampará essas imagens, os buracos se formam. O Outro, que é externo à nossa realidade, desconhece a nossa condição educacional, desconhece os modos de vida das cidades pantaneiras, chegando a acreditar que elas nem existem, que tudo é mato, tudo é bicho, tudo é selvagem como a Juma.

Nossas memórias são soterradas pelo concreto do ocidente sobre os outros. Sufocados pela história do sujeito dominante que morre de medo da diversidade. E, posso atestar com

experiência de casa, que o Pantanal, tanto do Sul quanto do Norte, é feito da diversidade.

Na história real da região, aquela que exala sua cultura, o sujeito deixa de ser essencialmente o peão, o gado, a onça, o tuiuiú e se transforma na mulher, na criança, nos idosos, nos ribeirinhos, nas artesãs terenas, nos trabalhadores rurais, trabalhadores urbanos...

Nessa história que a televisão não conta, a mulher pantaneira pode ser, inclusive essa que vos escreve: uma professora pesquisadora que saiu de casa para viver um sonho que grande parte dos meus conterrâneos não chegaram a ter sequer a oportunidade.

Daqui, da onde escrevo, recordo-me da importância da vivência desses sujeitos reais, sobretudo as mulheres que, como eu, são sobrecarregadas com estereótipos que nos isolam da condição de sermos pantaneiras e, conseqüentemente, nos excluem o direito de estarmos entre as pautas que dão origem aos movimentos sociais.

Que fique claro que não falo diretamente do feminismo, afinal eu não posso dizer que ser mulher pantaneira é ser feminista. Primeiro porque o próprio debate sobre o feminismo no Brasil (e na América Latina em geral) é profundo, então para evitar colocar esses sujeitos em caixas ocidentais, devo adiantar que este ensaio não é um texto feminista.

Por ser uma região diversa, nossas mulheres são em sua maioria, pessoas não-brancas que, junto com os seus pares, vieram para a região em busca de uma vida melhor. Diferente dos sujeitos

colonizadores, que vieram a mando da coroa portuguesa e espanhola para “ocupar a região” e, em suma, eram formados por membros da elite das capitais brasileiras, estes sujeitos vieram só na esperança de encontrar um lugar para morar.

Na fala de Antônia, outra colaboradora do meu estudo, por exemplo, não existe uma herança que poderia tê-la tornado uma grande proprietária rural do Pantanal que, como tal, poderia até mesmo aparecer na televisão. Existiu uma violência colonial que a colocou em situação de escravidão, por anos, na qual trabalhou em troca de casa e comida.

Até a família de dona Antônia conseguir um espaço para criar a própria galinha, plantar a própria mandioca e viver da agricultura familiar, muita coisa aconteceu. Neste ponto, não estamos falando de uma mulher feminista, mas sim de uma mulher que por (r)existir num cenário tão hostil como o Pantanal do final do século XX, transgrediu a linha entre a teoria e a prática de tal movimento.

Isto é, dona Antônia, como uma mulher da base pantaneira que não teve sequer o acesso às “teorias feministas”, é o exemplo mais puro de que a resistência começa pelo ato da existência dessas figuras em cenários que costuma contemplar apenas aquilo que pode ser “vendido”: o agro, o homem, a fauna e a flora.

E, neste caso, quando menciono a fauna e a flora pantaneiras, não me refiro de forma desdenhosa, como se não devesse haver tanta preocupação sobre as temáticas. É justamente ao contrário, essa temática deve estar presente nas

pautas que formam a episteme pantaneira assim como os agentes responsáveis por ela que, diferente do que a ciência ocidental insiste, não são os órgãos reguladores (fiscais e cientistas ambientais etc).

Não nego a importância de tais órgãos e tais profissões, no entanto defendo a sabedoria tradicional, oriunda daqueles que vivem a realidade da qual estes agentes falam, como uma eficaz fonte de conhecimento para a construção de leis e técnicas de uso dos recursos naturais.

É claro que, como tudo nessa vida, tudo o que escrevo aqui é ínfimo perto daquilo que o Pantanal carrega como história. No entanto, escrevo como uma mulher que não se contenta com a imagem inventada para a própria terra e, conseqüentemente, para o próprio povo.

Imagem esta que ignora a existência de outras mulheres que lutam diariamente em rotinas exaustivas em uma terra prometida ao capitalismo que abocanhou, por muito tempo, as narrativas e memórias dos povos latino-americanos.

Escrevo como bisneta de mulheres paraguaias e correntinas que vieram em busca de trabalho e moradia numa região invadida por coronéis do alto escalão brasileiro que nos fizeram acreditar, por muito tempo, que foram os precursores destas terras.

Escrevo trazendo comigo a memória das minhas tias, da minha mãe, da minha avó, das minhas vizinhas, das comadres das fazendas vizinhas e das crianças que, como eu já fui um dia, ajudam a tecer mais memórias e, portanto,

mais narrativas que um dia serão contadas como parte da grandeza do Pantanal.

Escrevo, portanto, em homenagem às minhas conterrâneas e às mulheres da minha América Latina que, distante das teorias que nos empanturram, fazem a luta acontecer por meio do ato de (r)existência.

MULHERES NA FOTOGRAFIA

Thais Andressa da Silva

Manhã de segunda-feira, de um verão com tom nostálgico, de uma curta vida, vivida sob o cotidiano de uma cidadezinha do interior. Início o dia me questionando: “Quantas mulheres fotógrafas tenho como referência?” “Quantas poetisas se destacam em minha estante”? Assumo, em um impulso, uma postura enérgica ao buscar velhas revistas adquiridas em um sebo, por volta do início dos anos 2000; lugar que ainda me inspira e me renova. Encontro alguns exemplares, com páginas rasgadas e um pouco empoeiradas, de edições da “Íris Foto”. Busco por nomes de mulheres que marcaram a cena da fotografia da época. Deparo-me, para meu fascínio, com uma matéria com temática “O protagonismo feminino na fotografia”. Percorro as páginas com grande interesse. Conheço mulheres que abriram caminhos, que romperam barreiras. Entre o poético e o documental, trabalhos tão vastos e tão potentes, que ampliam o olhar do espectador sobre a vida. Seja no campo da moda, da política e da arte como um todo, imagens que vibram. Entre pequenos e grandes passos, a imaginação e o furor criativo. A coragem de ir além.

Sim, elas abriram caminhos, em um mundo que sempre colocou as mulheres, e seus trabalhos, em segundo plano. Seja acompanhada por uma *Leica*, uma *Rolleiflex* ou uma *Zenit*,

olhares que testemunharam a história. Vestígios, fragmentos, memórias. Entre a luz e a sombra, a dura poesia, o silêncio enternecedor, o grito abafado, a alegria escancarada, tanto sentimento expresso por meio de uma imagem. Olho para o lado, vejo minha câmera e desejo partir em busca do que me move, inspirada pelos passos daquelas que deixaram suas marcas e suas poéticas pelos caminhos. É preciso continuar a seguir.

SONHOS QUE SE ACABAM

Valéria Pisauro

Era a festa do meu noivado! E todos comemoravam!

Eu estava deslumbrante. Aquele vestido novo, escolhido dentre tantos outros modelos, me caía divinamente, fazendo-me sentir a mais bela mulher naquela noite. Quando entrei no salão e os olhares se voltaram para mim, senti que o meu vestido não só me deixava bela, mas causava-me a sensação de proteção, como se delineasse a minha identidade por inteira.

No momento da troca das alianças e da cobrança da data provável do casamento, confesso que não sei o que me levou a "fazer cena" na hora. Sorridente e abraçada ao meu noivo, respirei fundo, falei:

— Jorge, meu querido, o mundo é como música que nos embala entre idas e vindas; rodopios e paradas; passos e contrapassos; movimentos repetitivos e outros livres e, nem sempre conseguimos acompanhar o seu ritmo, sua harmonia.

E com uma firmeza poética que eu até então desconhecia em mim, continuei:

— E quando a música se rompe e a cortina se fecha, às vezes, percebemos que cantamos em tons diferentes. Se um dia a nossa união não repetir o mesmo refrão, prometemos que nos reencontraremos?

Risos interromperam a minha explanação. Acreditavam tratar-se de uma brincadeira num momento tão solene.

Eu insistia em minha proposta. E, depois de muitas sátiras e argumentações, convenci Jorge a aceitar a minha proposta: daqui a dez anos, no dia 12 de junho de 2021, às dezessete horas, independentemente de qualquer acontecimento, estava agendado nosso compromisso, num barzinho perto da Igreja Matriz Imaculada Conceição, em nossa Campinas.

Alguns convidados, principalmente os mais otimistas, afirmavam convictos que não teríamos tempo para esse encontro, pois estaríamos ocupadíssimos com nossos filhos; outros comentavam que passados dez anos, com toda modernidade era improvável que o barzinho existisse, e até mesmo a Matriz.

A vida seguiu o seu rumo e o nosso amor mornamente também.

Estudei, mudei de emprego, conheci pessoas e me deslumbrei com as novas oportunidades que a vida me apresentou.

Jorge aceitava minha transformação calmamente, sem nenhum entusiasmo; nem me apoiando, nem criticando, porém com visível indisposição para me acompanhar.

O seu amor era tão preciso, mas tornou-se pouco para mim.

As discussões começaram quando os opostos passaram a ser gritantes.

Eu queria viajar, ele falava em filhos. Eu queria dançar, ele comprava um vinho para degustarmos em sua casa. Eu queria comprar

roupas novas, ele queria escolher o jogo de quarto para nossa casa.

Passados dois anos, por um desentendimento de ciúmes, eu disse adeus.

Nunca mais tive notícias de Jorge, somente que se mudou de Piracicaba e não deixou rastros.

Juro que nunca deixei de pensar em Jorge e guardei cuidadosamente o meu lindo vestido de noivado.

Casei-me, tive uma filha, separei-me e fui infeliz.

Minha vida resumiu-se em lutar pelo presente e guardar lembranças do passado.

A única certeza que eu tinha era a de que nunca consegui esquecer Jorge.

Dez anos se passaram! E, chegou o dia tão esperado!

Celebrei a minha iniciativa de adolescente e me pegava a rir pelos cantos disfarçadamente e depois, com seriedade de uma mulher madura, excitava-me com o reencontro com Jorge e com a ideia de usar o mesmo vestido do meu noivado.

Outros momentos, as dúvidas prevaleciam.... Será que ele se lembrava de mim? E da promessa do encontro?

Acordei aflita, dividida entre a esperança de revê-lo e o medo de ter mais uma mágoa acumulada em minha vida amorosa.

Graças a Deus, o barzinho ainda existia, e a Matriz também.

Meu Deus, o trânsito estava insuportável! Devia ter marcado em outro lugar? Outro horário? Quem iria imaginar esse trânsito todo em Campinas? Começou a chover e congestionou a

Avenida Francisco Glicério. Ninguém passava!

Como Jorge estaria? Com certeza, lindo! Iríamos retomar desde o dia do nosso noivado, será que casaríamos?

A vaga para estacionar era longe, molhei o vestido, meu penteado, e acabei chegando atrasada. Sem problemas, a noiva sempre chega atrasada!

No barzinho, pessoas se amarrotavam, cheirando a suor, chuva e cigarro. Tentei uma mesa e não consegui (devia ter vindo antes reservar!). Encostei-me no balcão e pedi um chope. Arrependi-me, talvez ele não gostasse de me ver bebendo.

Substitui por um café. Ajeitei a maquiagem, fiz uma pose bonita e fiquei a reparar em todos que ali estavam e entravam.

Dezessete horas e quarenta minutos...

Será que ele não vem? Impossível, ele era tão apaixonado por mim!

Outro café? Ah! Não dá! Garçom, um chope! Se ele tiver que ser meu, terá que me aceitar como sou! ...

O sino da Matriz soou seis badaladas. Fiquei irritada, o sino parecia que queria me trazer à realidade, roubar as minhas esperanças.

Talvez, tivesse esquecido o local? Ou o encontro.... Não, o encontro não! Não era possível! Ele me amava tanto.... Nunca deixou de cumprir qualquer exigência minha.

Não aguentava mais, dezenove horas. Definitivamente, ele havia me esquecido!

Senti-me uma tola, como no dia do nosso noivado, fazendo aquela proposta imbecil. Não

consegui me segurar e as lágrimas desabaram.

Foi nesse momento, que um senhor bem vestido que estava sentado numa mesinha ao lado se aproximou de mim e ofereceu-me seu lenço.

Eu estava transtornada. Pedi-lhe desculpas e desatei a falar.

Contei-lhe sobre o meu dia, soluçava em meio a olhares furtivos do bar e confessei que me sentia uma idiota, reclamei da chuva, do meu vestido todo molhado, do meu penteado desfeito e ainda mais, era o dia dos namorados e eu estava sozinha naquele bar.

O senhor, gentilmente, tentou me acalmar, dizendo:

— Você é uma bela e elegante mulher e está chorando por um dia mal sucedido.

— Imagine você que eu: há dez anos, amei loucamente uma mulher e só sonhava viver ao seu lado; e no dia do nosso noivado, ela fez uma proposta indecente marcando um encontro absurdo. Claro que só podia ser uma brincadeira!

No entanto, por amá-la tanto e para deixá-la feliz, aceitei pacificamente sua proposta. Depois, por um motivo tolo, ela me deixou e nunca mais tive notícias suas. Hoje, moro em Manaus, sou casado com uma mulher maravilhosa, tenho uma profissão estável e posso me considerar um homem realizado, mas não totalmente feliz.

Nunca me esqueci do nosso encontro marcado e nem da minha noiva "eterna".

É incrível, mas por ela, eu seria capaz de cometer loucuras, abandonar lar, esposa, emprego...

Então, esperei por dez anos ter a chance de revê-la e o nosso encontro estava marcado para hoje e aqui.

Menti para minha família que tinha um compromisso comercial em Campinas e vim para cá ansioso em reencontrá-la. Mas, como você vê, ela não apareceu, nem se lembrou do nosso encontro e com toda sinceridade, estou me sentindo aliviado, pois quase coloquei toda a minha vida em jogo e da minha família.

O senhor, em seguida, desculpou-se pelo desabafo e disse que não tomaria mais meu tempo e que partiria naquela mesma noite, pois já sentia falta de sua família e desejava estar ao lado de sua esposa ainda naquela noite.

Despediu-se de mim com um simples aperto de mãos e se foi.

Não consegui dizer-lhe nada, não tinha direito de lhe dizer nada, nem sequer vinham palavras à minha mente. A única certeza era que eu não tinha o direito de desmoronar aquele lar alicerçado nas bases do amor, que nós juramos no dia do nosso noivado.

Engoli minhas amarguras, tentei me recompor, mas deixei-o partir, sem me revelar, como quem descansa de um fardo.

Minutos depois, pedi ao garçom minha conta. Ele respondeu que já estava paga.

Retruquei, e ele esclareceu que o senhor que falava comigo, havia pagado e deixado um bilhete para mim.

Abri-o e, com muita dor, pude reconhecer aquela letra que trinta anos atrás me deixava frases apaixonadas, poemas líricos e promessas

de um amor infinito. E, estampado nos meus olhos, li a mensagem:

— Bárbara, você continua maravilhosa, principalmente trajando esse vestido.

Feliz dia dos namorados!

LUA NEGRA

Wilma Silva Meira

Ouçõ em alto e bom som desde muito pequena, o modo certo que devia ser. Não é bem isso uma surpresa, visto que sou mulher, e o controle sobre nós é algo mais antigo do que posso pensar. Mas eu nunca soube "ser mulher". Contudo, de algum modo, sinto que até hoje a vagina parece determinar a mente para algumas pessoas.

É como se cada ideia fosse menor, pois a vagina limita. Negam todas as pequenas coisas. Todos os dias me negam viver. Pois a ausência do falo reduz minha fala. E eu fico escutando a minha história sendo contada de um jeito torto. Me pondo como alguém em descrédito.

É muito fácil assim ser, já que quem conta a história são eles. Perseguiram e mataram, das piores formas, qualquer pessoa que ousou me escutar. E assim acusaram-me de ser a pior das espécies, eles matavam e me acusavam de carregar comigo o peso da morte.

Então me escondi em becos escuros, e lá fiz um refúgio para as despejadas, assim como eu. E vi que não éramos poucas. Nos fortalecemos e agora estamos prontas para enfrentar, e juro que não queremos guerra, só desejamos ter direito ao jardim.

***Nossos
Autores***



Afonso Kudissalida (Luanda, Angola)



Aline dos Santos Rodrigues (Santo André -SP)



Auta Tânia do Nascimento Lima
(Palmeira dos Índios - AL)



Bianka Soriano de Lima Machado (Maceió-AL)



Bruno Marquês Areno (Nampula - Moçambique)



Carlos Augusto Furtado Moreira (São Luís - MA)



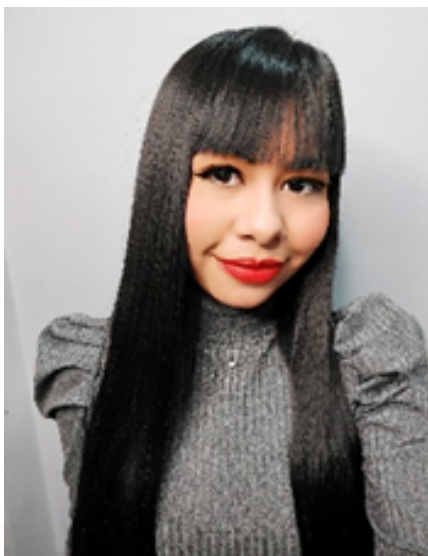
Cassiano Ricardo Martines Bovo (São paulo - SP)



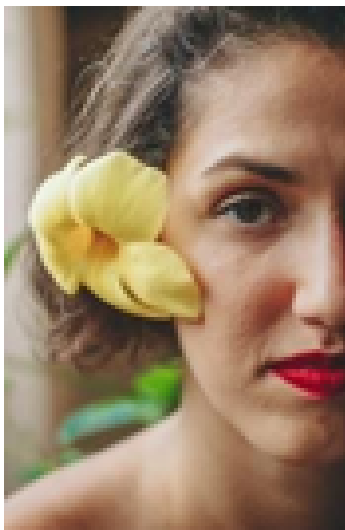
Elaene Suzete de Oliveira Pereira
(Pedro Leopoldo - MG)



Elaine dos Santos (Restinga Seca - RS)



Giuliana Pires do Nascimento (Manaus - AM)



Izadora Carvalho Laner (Goiás - GO)



Jackeline dos Santos Monteiro
(Manaus -AM)



Jasmim Valente Rodrigues(Carangola - MG)



Jéssica Cristina Da Silva
(Nazareno - MG)



Juliana de Souza Gonçalves (Manaus - AM)



Karolaine Mendes (Sertajeja -PR)



Maria Auxiliadora de Santana Silva
(Capela - SE)



Maria de Fátima Soriano de Lima (Maceió - AL)



Maria Estélia da Glória
(Barra Mansa - RJ)



Maria Gorete Pinheiro Dantas de Oliveira
(Fortaleza -CE)



Maria Marluce de Paula Araujo (Natal - RN)



Maria Veroni Martins (Taquatinga - TO)



Marina Simões Koss (Salvador - BA)



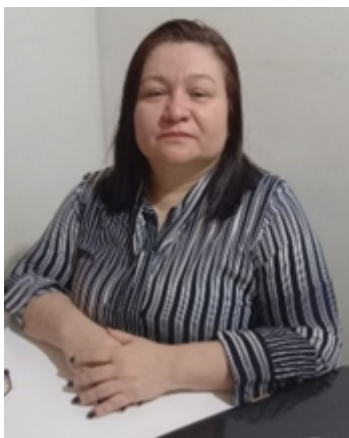
Marinalva Pinheiro dos Santos
(Lagoa da Canoa - AL)



Maura Luza Frazão (São Luís -MA)



Marta Maria Pedrosa de Mélo (Arapiraca-AL)



Miraselma das Neves Sardinha (Santana - AP)



Mônica Anjos Vieira (Lagoa da Canoa - AL)



Nauza Luza Martins (Brasília - DF)



Neide Pereira de Oliveira (Vitória - ES)



Raquel de Castro dos Santos (Rio de Janeiro - RJ)



Regina Ruth Rincon Caires (Campinas - SP)



Roseane Pereira Rabelo
(São José de Ribamar- MA)



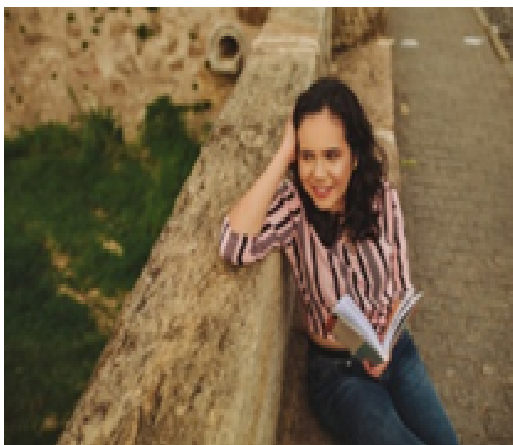
Sebastiana Fernandes de Amorim (Maribondo - AL)



Simone Aparecida Ribeiro da Mota Almeida
(Porto Feliz - SP)



Taynara Martins de Moraes (Bonito - MS)



Thais Andressa da Silva (São João Del-Rei - MG)



Valéria de Cássia Pisauro Lima (Campinas - SP)



Vânia de Oliveira Freitas Prema Shakti
(Rio de Janeiro -RJ)



Wilma Silva Meira (Jequié - BA)

***Nossos
Apoiadores
Catarse***

A IRDE Editora agradece a todos os autores e apoiadores deste tão sonhado projeto. Sem dúvidas formamos uma grande equipe e sem vocês não teríamos como realizar esta obra que quer ser uma voz na luta pela igualdade e direitos das mulheres, no Brasil e no mundo.

Angela Angelino Rosendo Silva
Anna Carolina Fontoura Custódio
Auta Tânia do Nascimento Lima
Cassiano Ricardo Martines Bovo
Cataline Leão Otilio
Elaene Suzete de Oliveira Pereira
Elaine dos Santos
Estélia Meg
Gorete Pinheiro
Karolaine Mendes
Luiz Carlos De Menezes Bahury Junior
Maria Auxiliadora de Santana Silva
Marina Simões Koss
Marinalva Pinheiro dos Santos
Marluce Paula
Marta Maria Pedrosa de Mélo
Miguel Arcanjo de Almeida
Milene de Lima Silva
Mira Neves
Mônica Anjos Vieira da Costa
Nauza Luza Martins
Neide Pereira de Oliveira
Raquel de Castro dos Santos
Regina Ruth Rincon Caires
Tiago Ferraz
Valéria Pisauro
Veroni Martins
Wilma Silva Meira

irde.contatos@gmail.com
mundoirde.blogspot.com